



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DE BACABAL - CCBA  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS

BRUNA VITÓRIA DA SILVA FRAZÃO

**REPRESENTAÇÕES DA DIÁSPORA AFRICANA E A LUTA PELA LIBERDADE  
DO CORPO NEGRO ESCRAVIZADO NA OBRA *UM DEFEITO DE COR* DE ANA  
MARIA GONÇALVES: TRAÇANDO RESISTÊNCIAS E IDENTIDADES**

BACABAL

2023

**BRUNA VITÓRIA DA SILVA FRAZÃO**

**REPRESENTAÇÕES DA DIÁSPORA AFRICANA E A LUTA PELA LIBERDADE  
DO CORPO NEGRO ESCRAVIZADO NA OBRA *UM DEFEITO DE COR* DE ANA  
MARIA GONÇALVES: TRAÇANDO RESISTÊNCIAS E IDENTIDADES**

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Letras Bacabal da Universidade Federal do Maranhão, UFMA- Centro de Ciências de Bacabal - CCBA, Bacabal, como requisito obrigatório para o título de Graduação em Letras.

Orientador(a): Prof. Dr: Ricardo Nonato Almeida de  
Abreu Silva

BACABAL

2023

**BRUNA VITÓRIA DA SILVA FRAZÃO**

**REPRESENTAÇÕES DA DIÁSPORA AFRICANA E A LUTA PELA LIBERDADE  
DO CORPO NEGRO ESCRAVIZADO NA OBRA *UM DEFEITO DE COR DE ANA*  
MARIA GONÇALVES: TRAÇANDO RESISTÊNCIAS E IDENTIDADES**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Maranhão, UFMA-Centro De Ciências de Bacabal - CCBA, como requisito obrigatório para o título de Licenciada em Letras com habilitação em língua portuguesa.

Orientadora: Prof. Dr: Ricardo Nonato Almeida de Abreu Silva

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Ricardo Nonato Almeida de Abreu Silva

(UFMA)

ORIENTADOR

---

Prof.<sup>(a)</sup> Dr<sup>(a)</sup>. Lucelia de Sousa Almeida

(UFMA)

---

Prof.<sup>(a)</sup> M<sup>(a)</sup>. Lanna Caroline Silva de Almeida

(UFMA)

Dedico este trabalho a minha avó paterna Maria das Graças Frazão (in memoriam), exemplo de força e superação.

Dedico aos meus pais Maria da Paz e Brás Frazão e a minha tia paterna, Maria José Carvalho Barbosa, por serem meu pilar de sustentação, em todas as fases da minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar forças e me guiar nessa caminhada, me ajudando a vencer os diversos obstáculos encontrados ao longo da minha jornada.

Agradeço a minha primeira orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra.<sup>a</sup> Lucélia de Sousa Almeida, por me orientar inicialmente e por me apresentar essa obra tão magnífica na qual não conhecia.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Ricardo Nonato Almeida de Abreu Silva, por me orientar e me direcionar da melhor forma possível, não medindo esforços para me ajudar.

Agradeço aos meus pais, Maria da Paz da Silva Frazão e Brás Frazão, por me darem forças e me incentivarem a lutar pelos meus objetivos.

Agradeço a minha tia paterna Maria José Carvalho Barbosa (Bia), por me motivar a chegar a lugares que nunca imaginei.

Agradeço a meus amigos que fiz durante essa jornada, em especial a Alexia Santos e Radiley Suelma, por ajudarem a chegar até aqui.

O portal do esquecimento no tempo...  
Se abre de par em par  
Afastando o velho lamento, é um alento  
Pro alegre vento passar...

Mais de muitos milhões desterrados  
Desumanizados, lançados ao mar  
Sem futuro, presente ou passado  
Desmemoriados, pra nada lembrar

Mas no bojo vieram mistérios  
De velhos impérios e cortes reais  
De florestas, savanas, cidades  
Trazendo verdades sobrenaturais

Veio o corpo da costa do ouro  
Trazendo tesouros do povo de lá  
Veio a alma do povo iorubano  
Trazendo os arcanos do oráculo Ifá  
Daomé, Aradá, Futa, Mina Kanô, Katsina,  
Axanti, Savalu

Portadores dos saberes vivos  
Das letras dos livros de tumbutu  
Hoje muitos milhões de esperanças  
Celebram a herança desses ancestrais  
Carregando o passado na mente  
E olhando de frente o que ficou pra trás.

***(Díaspóra negra- Rogê)***

## RESUMO

O objeto de estudo deste trabalho é intitulado *Um defeito de cor* (2009), da escritora mineira Ana Maria Gonçalves. Assim, a temática geral desta pesquisa é nomeada *Representações da diáspora africana e a luta pela liberdade do corpo negro escravizado na obra um defeito de cor de Ana Maria Gonçalves: traçando resistências e identidades*. Diante disso, guiamo-nos pela seguinte **questão-problema**: Como o processo histórico da diáspora africana/negra repercute no empoderamento da população negra frente a violência na obra *Um defeito de cor*? Para que esta investigação se concretize temos como **objetivo geral**: Analisar como ocorre as representações da diáspora africana e das lutas travadas em favor da libertação dos escravizados na obra *Um defeito de cor*; e como **objetivos específicos**: Investigar como a construção da identidade negra é retratada no romance, considerando o contexto histórico da escravidão na formação da identidade dos personagens; Explorar as formas de resistência presentes na narrativa; e Evidenciar como essas estratégias de resistência influenciaram para a busca de liberdade e empoderamento dos personagens. Este trabalho tem o objetivo de analisar o romance histórico, pelo tocante do movimento diaspórico, apontando as lutas contra os diversos tipos de violência colocados contra povo negro escravizado e como estes povos resistiram a esse fato, moldando assim o empoderamento negro em especial da narradora/personagem feminina Kehindé. O referencial teórico, assim constituídos primeiramente por: Santos (2008), Hall (2003), Gomes (2019), Silva (2011), Macedo (2013), Modena (2016), Costa (1986), James (2010), Sardemberg (2012), Davis (2016), Mosedale (2005). Sendo esta uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo. Desta forma temos como resultado, o enfrentamento da violência imposta contra os escravizados no Brasil colonial e das diversas adversidades colocadas contra as cativas dentro do contexto histórico e social na época colonial, sendo muito bem explorado por Ana Maria Gonçalves.

**Palavras-chave:** Diáspora negra. Violência. Empoderamento feminino. Resistência. Liberdade. Identidade.

## ABSTRACT

The object of study of this work is entitled *A defect of color* (2009), by the writer Ana Maria Gonçalves, so the general theme of this research is named Representations of the African diaspora and the struggle for freedom of the enslaved black body in the work *A defect of color* by Ana Maria Gonçalves: tracing resistances and identities. In view of this, we are guided by the following problem question: How does the historical process of the African / black diaspora affect the empowerment of the black population in the face of violence in the work *A defect of color*? In order for this investigation to be carried out, we have as general objective: To analyze how the representations of the african diaspora and the struggles waged in favor of the liberation of the enslaved in the work *Um defeito de cor*; and as specific objectives: To investigate how the construction of black identity is portrayed in the novel, considering the historical context of slavery in the formation of the characters' identity; Explore the forms of resistance present in the narrative; and Evidence how these resistance strategies influenced the characters' search for freedom and empowerment. This work aims to analyze the historical novel, by touching the diasporic movement, pointing out the struggles against the various types of violence placed against enslaved black people and how these peoples resisted this fact, thus shaping black empowerment especially of the female narrator/character Kehindé. The theoretical framework, thus constituted primarily by: Santos (2008), Hall (2003), Gomes (2019), Silva (2011), Macedo (2013), Modena (2016), Costa (1986), James (2010), Sardemberg (2012), Davis (2016), Mosedale (2005). This being a bibliographical research, of a qualitative nature. In this way we have as a result, the confrontation of the violence imposed against the enslaved in colonial Brazil and the various adversities placed against the captives within the historical and social context in colonial times, being very well explored by Ana Maria Gonçalves.

**Keywords:** Black Diaspora. Violence. Female Empowerment. Resistance. Freedom. Identity



## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1</b>	<b>REPRESENTAÇÕES DA DIÁSPORA AFRICANA.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>A LUTA PELA LIBERDADE DO CORPO NEGRO ESCRAVIZADO.....</b>	<b>28</b>
<b>2.1</b>	<b>VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA NA DIÁSPORA.....</b>	<b>30</b>
<b>3</b>	<b>TRAÇANDO IDENTIDADES.....</b>	<b>42</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>53</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

Segundo Santos (2008, p.181), “A diáspora ou a dispersão dos povos africanos pela Europa, Ásia e América se produziu em escala massiva durante o período do tráfico de escravos entre os séculos XV e XIX”. Essa dispersão foi caracterizada por uma retirada forçada do seu território de origem, neste caso, do continente africano. Estima-se que milhares de africanos foram capturados e retirados de suas terras de forma violenta, sendo transportados em navios negreiros: “Esse é um dos movimentos migratórios mais espetaculares da História moderna, sendo que os cálculos da travessia forçada pelo Oceano Atlântico oscilam de dez a cinco milhões de pessoas que teriam sido arrancadas da África e trazidas para as Américas<sup>1</sup>”

A diáspora africana ficou conhecida como um dos eventos históricos que vitimou milhares de pessoas durante as inúmeras viagens feitas de forma mórbida a partir do continente africano até a sua chegada a terras brasileiras. A diáspora negra foi a causadora de incontáveis mortes e traumas, deixando rastros de destruição por onde passava. Aqueles que as vivenciaram tiveram de resistir a incontáveis formas de dominação e violência, perdendo muita das vezes sua dignidade ao serem forçados a saírem de suas terras, sendo chacoteados por terem uma cultura diferente.

A escravidão no Brasil foi uma imposição violenta e devastadora, movida pela ganância e pela desumanidade, perdurou por mais de três séculos<sup>2</sup>, vitimando milhares de pessoas, essa tragédia teve proporções inimagináveis, podendo ser entendida como um movimento de resistência a hostilidade, a escravidão foi marcada pela imposição do trabalho forçado, e também por diversos preconceitos, entre eles o racial, o religioso e cultural, levando esses a (sobre)viver em uma nova realidade e em um novo país.

Pensando neste sentido, o corpus escolhido para trabalhar sobre a temática é intitulado *Um defeito de cor* (2009), obra da escritora mineira, Ana Maria Gonçalves, um romance histórico marcado por uma beleza única, obra essa que carrega a historiografia de dois países (Daomé, atual Benin/ África) e Brasil), distintos em relação a sua cultura, mas que se aproximam na formação de uma nação, a brasileira, a obra conta sobre a história de Kehinde, uma menina que narra parte de sua vida em Savalu, Cidade de Benim, África, após a conturbada e repentina morte de seu irmão e mãe, ela parte junto a sua irmã gêmea Taiwo e sua avó, rumo

---

<sup>1</sup> SANTOS, JÁ. **Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida**. In: MACEDO, JR., org. *Desvendando a história da África* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p.181

<sup>2</sup> Ibid. p.190

a Uidá<sup>3</sup>, Benim, lá elas vivem uma vida pacata até serem apreendidas e levadas a viverem em meio ao caos, ficando mantidas em cativeiro, logo sendo lançadas em um porão de navio negreiro, junto com diversas outras pessoas, entre elas sua irmã e avó, rumo a Salvador na Bahia, a partir daí vivem momentos de carnificina, suportando a morte e a violência.

O tema “um defeito de cor”, remete ao decreto-lei comum na época colonial que desumanizava a cor negra, transformando-a em um “defeito”. Podemos, assim, conectar este decreto a carta-manifesto de Luiz Gama (1852), sobre a cor ser um defeito:

Em nós, até a cor é um defeito. Um imperdoável mal de nascença, o estigma de um crime. Mas nossos críticos se esquecem que essa cor é a origem da riqueza de milhares de ladrões que nos insultam; que essa cor convencional da escravidão, tão semelhante à da terra, abriga, sob sua superfície escura, vulcões, onde arde o fogo sagrado da liberdade<sup>4</sup>

Com Luís Gama entendemos que a cor tida como um defeito, é a mesma que dá riqueza aqueles que sobrevivem com a compra/venda e trabalho dos escravizados, ou seja, aqueles que se beneficiaram da escravidão. Ou seja, quem nascia com essa cor, já nascia condenado, mas, a cor que se assemelha a terra, esconde uma força interior, que se equipara ao fogo de um vulcão.

Através deste manifesto, Luís Gama enfatiza a hipocrisia do sistema colonial, ao desvalorizar a cor da pele e ao mesmo tempo se beneficiar com a exploração da sua mão de obra e de suas riquezas. A partir disso busca-se neste trabalho entender o que foi a diáspora negra, desde o apanhado forçado em terras africanas, até a chegada a terras brasileiras, com o batismo, a venda/ compra dos cativos em leilões e o contato com a cultura do novo país; em seguida mostrando como a violência é imposta, fomentando a luta e resistência objetivando a libertação do cárcere. Neste sentido, a pergunta de pesquisa que norteará este trabalho é: Como o processo histórico da diáspora africana/negra repercute no empoderamento da população negra frente a violência na obra *Um defeito de cor?*; O Objetivo Geral: Analisar como ocorre as representações da diáspora e das lutas travadas em favor da libertação/emancipação dos escravizados na obra *um defeito de cor*; e como Objetivos Específicos: Investigar como a construção da identidade negra é retratada no romance, considerando o contexto histórico da

---

<sup>3</sup> Ouidah: cidade no Benin. AJUDÁ. Uma das transliterações do nome Huedá ou Xwedá, do idioma fongbé, transcrito em francês como Ouidah e em inglês como Whydah. Designa a antiga cidade, na costa atlântica da atual República do Benim, que foi capital do reino de mesmo nome, destacado no contexto do tráfico atlântico de escravos, bem como seu povo. Ver BENIM, República do; HUEDÁ; UIDÁ. Fonte: (Lopes; Macedo, 2017, p.23)

<sup>4</sup> FERREIRA, Ligia Fonseca. **Lições de resistência: artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro.** São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020. p. 42.

escravidão na formação da identidade dos personagens; Explorar as formas de resistência presentes na narrativa; e Evidenciar como essas estratégias de resistência influenciaram a busca de liberdade e empoderamento dos personagens, em especial da narradora/personagem Kehinde.

Deste modo nos propusemos a explicitar como o transporte involuntário, a hostilidade e a resistência, são abordados sob a perspectiva do romance ficcional histórico: *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves.

O trabalho, a princípio, está dividido da seguinte maneira: no capítulo inicial será discutido sobre o que foi a diáspora, na qual esta se dará através do sequestro e imigração forçada do povo africano, neste capítulo buscaremos enfatizar os aspectos que teceram o movimento de dispersão, sendo este um processo complexo dentro da historiografia dos povos inseridos na diáspora africana. Partindo do pressuposto de que a diáspora e a escravidão negra foram marcadas por violações e violências, assim o segundo capítulo dará ênfase as diversas formas de resistência e luta contra as violências que em especial a personagem principal Kehinde ou Luísa Gama é acometida, assim este capítulo será um apanhado geral das resistências e do que é a violência, podendo esta ser entendida como o uso do poder ou força física, contra um indivíduo, um grupo ou comunidade. entre elas as violências de cunho patrimonial, que é o caso da negligência e a física, tendo como exemplos a tortura, a violência sexual, partindo do pressuposto de que tais aspectos se interligam principalmente as memórias da personagem, assim as violências nutrem e concedem poder a mesma, a fim de impulsioná-la a lutar por aquilo que lhe é de direito, viver dignamente, trazendo a resistência por meio da determinação de se reafirmar como mulher negra, este aspecto se dá no subcapítulo Identidade.

Neste trabalho buscamos evidenciar como o fator violência nutre o desejo insaciável de mudança de vida, conduzindo assim a aspiração da sua independência, essa estando ligada a emancipação pessoal, ou seja, a medida na qual a violência é instaurada contra os cativos africanos, tanto no continente africano, durante o traslado e também durante a escravidão no território brasileiro, faz com que a personagem veja a necessidade de tomar as rédeas da mão do opressor e viver livremente sem medo de ser oprimido.

O processo diaspórico foi regido por diversas violências desde o sequestro, sendo seguido por uma dispersão imposta, os cativos eram ameaçados constantemente, sofrendo desde castigos físicos até os psicológicos, marcando o traslado, a negligência e a falta de cuidado eram agentes causadores de inúmeras mortes.

Assim tornar-se-á exposto como o ato de violência forma determinado indivíduo, sendo exemplificado através da protagonista, trabalhando a partir daí, como esse aspecto é relacionado

na obra, atribuindo a ela um posicionamento, onde esse fator moldaria a tal, dando o poder de ser protagonista de sua própria história. Outorgando assim sua autonomia em diversos acontecimentos traumáticos, causados pelas violências sofridas ao longo de sua vida, moldando-se assim a resistência da mesma.

A identidade/ empoderamento é um processo que motiva em especial as mulheres a adquirirem poder, poderio esse ligado ao controle de suas vidas, assim será mostrado como o empoderamento que capacita em especial a personagem Kehinde a lutar por sua liberdade e a de seus companheiros e amigos.

A pesquisa é pertinente pois ressalta questões complexas, como o evento histórico da diáspora negra, a luta pela identidade, a escravidão, a violência, a morte/suicídio, a resistência e empoderamento feminino em um contexto histórico desafiador, trazendo à tona a valorização da afrodescendência no Brasil. Percebemos que esse trabalho tem como foco a motivação de fazer com que os temas sejam investigados intrinsecamente, ou seja, sendo este trabalho essencial para o entendimento do que foram esses eventos, incentivando o adentramento das raízes de uma nação.

Durante a leitura da obra, foi viável observar como se dava os fatores da diáspora, violência/resistência, empoderamento, sendo possível verificar uma significativa recorrência dessas situações, no qual o interesse por essa linha de pesquisa teve princípio. Logo esse estudo se faz necessário para entender como se deu esse processo de junção de ideias que se conecta às três linhas de estudo: diáspora, violência/resistência e identidade/empoderamento feminino. Ressaltando como se dá o alcance das temáticas, nesse sentido, buscando dar visibilidade a estes temas.

Este trabalho tem como base metodológica, um estudo qualitativo, de revisão bibliográfica sobre a obra *Um Defeito de Cor*, bem como estudos sobre a diáspora africana, história da África e a história da escravidão no Brasil, assim também como a exploração de aspectos históricos, sociais e culturais que permeiam a narrativa e sua tradição para a compreensão do contexto da época e dos desafios enfrentados pelos personagens. Utilizando como fundamentação teórica, artigos, teses de doutorado, e obras de autores como Santos (2008), Hall (2003), Gomes (2019), Macedo (2013), Silva (2011), James (2010), teóricos e pesquisadores que investigam e analisam a cerca da diáspora africana assim como sobre a escravidão no Brasil e os desdobramentos a respeito da violência, morte/suicídio e resistência negra; Ribeiro (2018), Davis (2016), Sardenberg (2012) e Mosedale (2005), são autoras que estudam sobre o feminismo e o empoderamento feminino negro.

## **1 REPRESENTAÇÕES DA DIÁSPORA AFRICANA**

A temática será apresentada em 3 partes: o antes, o durante e o depois da diáspora, em um primeiro momento ficará explicitado o conceito segundo Santos<sup>5</sup>, assim daremos continuidade previamente sobre a perspectiva do “antes”, que ficará vinculado ao apanhado involuntário exclusivamente dos povos africanos, o “durante”, sob a visão da viagem forçada nos navios insalubres, e o “depois”, sob o ponto de vista da chegada ao país de origem, com o primeiro contato com a nova terra, o batismo forçado e a compra/venda dos povos como escravos. Mas afinal o que foi o processo diaspórico?

A palavra diáspora foi originalmente usada no Antigo Testamento para designar a dispersão dos judeus de Israel para o mundo. Recentemente, tem se aplicado o mesmo vocábulo, por analogia à condição judaica, aos movimentos dos povos africanos e afro-descendentes no interior do continente negro ou fora dele. A diáspora traz em si a idéia do deslocamento que pode ser forçado como na condição de escravo, resultado de guerras, perseguições políticas, religiosas ou desastres naturais. Também pode ser uma dispersão incentivada ou espontânea de grandes massas populacionais em busca de trabalho ou melhores condições de vida. A partir desses sentidos possíveis, a palavra diáspora tem servido para múltiplos usos, por exemplo, como conceito nos estudos culturais e pós-coloniais e como motivo de identificação étnico-racial na busca do paraíso perdido dentro e fora da África. Também tem se prestado aos interesses políticos, ideológicos e econômicos que buscam aglutinar e, em alguns casos, levar de volta para o continente de origem africanos e afrodescendentes espalhados por todo o globo terrestre. (SANTOS,2008, p.181)

O termo diáspora segundo Santos, nos remonta a ideia da retirada forçada do continente africano, assim como no antigo testamento com a escravidão do povo judeu, nos tempos modernos houve a escravidão negra, levando a diáspora do povo africano, logo o sofrimento dos africanos mantidos em um navio a serem levados em direção à morte e a violência, acarretava por vezes o suicídio como ideia de retorno à terra natal.

Como já citado, as migrações forçadas de negros africanos, foi um curso transmigratório que teve sua origem no período colonial, aonde os africanos serviriam de mão de obra escrava, este foi o inicio de um dos processos mais catastróficos da história da humanidade, assim como explica Gomes (2019, p.36) “Traduzindo em números absolutos, ao longo de mais 350 anos, entre 23 milhões e 24 milhões de seres humanos teriam sido arrancados de suas famílias e comunidades em todo o continente africano e lançados nas engrenagens do tráfico negreiro”.

A comercialização transatlântica de escravos era feita através do apanhado involuntário e repentino, sendo assim os futuros cativos não tinham tempo para pensar sequer em uma possível fuga, como é observado no romance de *Gonçalves* (2009, p.26) “Foi então que um dos brancos parou de caminhar e olhou para nós, [...]Ele apontou para nós e[...] imediatamente um

---

<sup>5</sup> Doutor em História das Sociedades Ibéricas e Americanas (PUCRS, 2011).

dos seus pretos já estava nos segurando pelos braços, antes mesmo de pensarmos em sair correndo”.

Os sequestros ocorriam através de guerras tribais, incursões, razias entre outras práticas violentas, ocasionando diversas capturas e o aprisionamento de milhões de homens, mulheres e crianças.

Para Motta (2019), um dos mecanismos para diminuir quase a zero essa trama, era que o transporte dos cativos seria na maioria das vezes feito no período da noite, para que esses não reconhecessem o caminho e pudessem fugir. Aqueles que não eram vendidos de imediato, enfrentariam uma longa e dura jornada, ficando dispostos em grandes construções, conhecidas como entreposto<sup>6</sup> ou “Zomaï” significa “que o fogo ou a luz não tem acesso”. Na realidade, nesse lugar se encontrava um grande compartimento hermeticamente fechado, no qual os escravos ficavam enclausurados [...] e do qual eles saíam apenas quando eram transferidos em direção à árvore do retorno<sup>7</sup>” ou do esquecimento, encontrando-se obrigados a conviver já nesse primeiro momento com a fome, o descaso e a morte, passando-se dias com a incerteza de uma vida duradoura ou de um definhamento aproximado.

Essa situação, podemos observar no romance já mencionado, após o sequestro Kehinde é levada ao cativo, ficando presa como a grande maioria dos cativos, como não foram embarcadas logo de imediato, acabaram sendo levadas a um grande depósito no qual alguns cativos já estariam aprisionados, ali elas ficariam trancafiadas em um ambiente sem espaço e sem entrada de luz. Com toda aquela agitação Kehinde não percebe o quão faminta está até ver o alimento ser distribuído. Ali os cativos sofriam diversas violências, como a negligência, por exemplo:

Fomos então levadas para o forte e colocadas dentro de um barracão muito grande, onde já havia várias pessoas sentadas ou deitadas pelo chão. Quando entramos, quase ninguém olhou para nós, demonstrando pouco interesse pelo que estava acontecendo, como se aquela situação fosse normal[...]Disse também que, às vezes, alguns guardas batiam muito em todos, talvez para amaciar a carne. [...]Somente quando entraram alguns guardas, distribuindo feijão, farinha, inhame e tinas de água que passavam de mão em mão, foi que percebi como estava com fome. Nem todos ganharam, como alguns homens que estavam amarrados a um canto, de castigo por terem brigado. (GONÇALVES, 2009, p.26,27 e 28)

A apreensão foi um movimento gigantesco, podendo levar dias para ser concluído, assim os cativos ficavam retidos à espera do embarque. Isso nos mostra o quão cruel foi o

<sup>6</sup> Depósito de mercadorias em grandes proporções; armazém.

<sup>7</sup> ARAÚJO, Ana Lucia. **Caminhos atlânticos: memória, patrimônio e representações da escravidão na rota dos escravos**. Varia História, Belo Horizonte, vol.25, nº41: p.129-148, jan/jun, 2009. p.144



tráfico, a brutalidade na qual o escravo foi forçado, sendo obrigado a desterritorializar seu eu para caber em uma nova realidade, logo um dos eventos que marcou as memórias dos que vivenciaram essa realidade, é chamada de “árvore do esquecimento”<sup>8</sup>, mais conhecidos como Baobás<sup>9</sup>, o método empregado é uma violação, já que foi pensada dessa forma, assim o escravista ingressa em direção a um território, com a intenção de debandar a historiografia de um povo, sendo este acontecimento marcado por toda a espécie de excessos descomedidos:

Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo - dizimados pelo trabalho pesado e a doença. A terra não pode ser "sagrada", pois foi "violada" - não vazia, mas esvaziada. Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar. Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas. (HALL,2003, p.28)

A ruptura é um marco para a história da diáspora, pois é por ela que percebemos o quão notório foi essa violação, outra importante recordação do que foi esse acontecimento, é o portal no qual teria a mesma função da árvore do esquecimento, os portais ou portas do não-retorno.

Diz-se que os escravos que por ela passassem não retornariam a mãe África, na porta do não- retorno existente em Ouidah, no Benin, existe um monumento que marca o local de embarque dos escravizados, “O monumento de Ajudá é uma entre muitas Portas do Não Retorno que se pode conhecer na África atualmente. Existem dezenas delas, em vários países, marcando os antigos pontos de embarque de escravos” (GOMES,2019, p.140), logo percebe-se que ao passo que estamos, nunca saberemos com precisão de fatos, o que foi o comércio de pessoas, já que muito do que foi vivenciado acabou se perdendo com o desenrolar dos séculos. Não se sabe com precisão o total de pessoas escravizadas, mas estima-se que:

[...]a imensa maioria dos escravos vendidos aos traficantes em Ajudá ou em qualquer outro local da África, a Porta do Não Retorno foi uma realidade concreta e inexorável. Quase a totalidade dos 12,5 milhões de embarcados nos navios negreiros jamais teve a oportunidade de voltar às suas origens africanas. Os índices de mortalidade eram altíssimos. Pelo menos 1,8 milhão morreu ainda na travessia do Atlântico. (GOMES,2019, p.15)

---

<sup>8</sup> Árvore do esquecimento: Conta-se que no forte de Uidá, na atual República do Benin, os cativos prestes a serem embarcados eram obrigados a dar certo número de voltas em torno de uma árvore, que ficou conhecida como "árvore do esquecimento". Era um ritual de separação a partir do qual o indivíduo seria considerado simbolicamente morto. Fonte: (Macedo, 2013, p.118)

<sup>9</sup> Baobás: (*Adansonia digitata*). Grande árvore da família das bombacáceas, nativa da África tropical. De fruto comestível e caule com múltiplas aplicações industriais, é um dos símbolos africanos. Em Angola, conhecida como “embondeiro”, é árvore envolta em forte aura mística. Fonte: (Lopes, 2011, p.198)

A "Porta do Não Retorno" é uma alusão simbólica a alguns pontos de embarque de pessoas nas costas do continente africano, onde os cativos eram levados para os tumbeiros, sendo subsequentemente transportados pelo Oceano Atlântico em direção às Américas.

A grande maioria dos cativos que foram embarcados nesses navios enfrentou um fatídico destino. Muitos nunca tiveram a chance de regressar às suas terras de origem. Estima-se que pelo menos 1,8 milhão de africanos morreram durante a travessia conhecida como "passagem do meio", que era o tempo de viagem entre a África e as Américas, sendo eles transportados em uma situação de insalubridade e desumanidade.

Para Silva (2011), os escravizados eram colocados em navios negreiros e permaneciam ali por muito tempo, em um ambiente sem espaço, sem entrada ou saída de ar e conviviam com excrementos, tanto sólidos quanto líquidos, além de vômito e alguns animais como ratos. Assim, esse negligente transporte seria o prenúncio das imensuráveis violências que testemunhariam:

O navio tinha dois porões, e o de baixo, onde fomos colocadas, era um pouco menor que o de cima, pelo qual passamos sem parar. Também não tinha qualquer entrada de luz ou de ar, a não ser a portinhola por onde descemos e que foi fechada logo em seguida [...] A minha avó estava agarrada à minha mão e à da Taiwo, e mesmo tendo companhia, parecia que estávamos sozinhas, porque ao redor de cada uma de nós era só silêncio. Silêncio que mais parecia um pano escuro, grosso e sujo, que tomava todos os espaços e prendia debaixo dele o ar úmido e malcheiroso, sabendo a mar e a excrementos, a suor e a comida podre, a bicho morto. (GONÇALVES, 2009, p.31 e 32)

Kehinde retrata como eram divididos os porões do negreiro na qual seria transportada, ela narra uma espécie de vazio ao entrar no porão, descrevendo que mesmo estando lotado, parecia que o navio estava vazio, como se cada um que ali estivesse fizesse um silêncio mortal, fazendo o ambiente se transformar em um lugar pesado, com cheiros diversos.

Com o passar dos dias, muitos dos quais estavam trancafiados acabavam não resistindo e eram atirados ao mar, muitos dos que não morriam por falta de assistência, morriam pelo suicídio e assim rotineiramente a morte se fazia integrante indispensável do traslado, como explica Gonçalves (2009, p.35): “O Benevides tinha se matado, e muita gente disse que ele tinha feito o certo, que antes virar carneiro de bicho do mar, pois provavelmente seria lançado ao mar, do que carneiro de branco no estrangeiro. Já estávamos todos muito fracos, pois era o início do quarto dia sem comer”.

Sabe-se que além de despojados de liberdade, ao entrar nos navios não era permitido aos escravizados trazerem nada pessoal, a única coisa que muitas das vezes era trazido consigo era a roupa do corpo, já que nada do que fosse levado conseguiria aguentar tão dura viagem.

Sendo assim, os cativos trouxeram algo bem mais relevante, aquilo que foi herdado e não poderia ser tirado: a cultura, os ritos religiosos, as músicas, a linguagem própria. Tudo isso era trazido de uma forma que o algoz não pudesse tocar e destruir, tudo era imaterial, impalpável, muitas das vezes era trazido na memória e no coração<sup>10</sup>.

Todo esse processo deixou marcas irreversíveis, na história dos cativos, a dificuldade da travessia e a aspereza na condição de estar escravo foi um evento que deixou vestígios, assim uma dessas marcas, foi causada quando nem todos tinham êxito na busca por notícias de seus familiares, “No entanto, [...]aquele que fora forçado a atravessar o Atlântico jamais se desligava inteiramente da sua África pessoal e, se tinha sorte, podia, alguma vez no exílio, ouvir notícias da sua aldeia nativa e das terras que lhe eram vizinhas”<sup>11</sup>, fazendo com que estes ficassem apreensivos sem informações, com a esperança de que chegassem pessoas de próximo de sua origem, mas nem todos tinham a mesma sorte, por vezes aconteciam coincidências ao encontrar pessoas de próximo de sua tribo:

Quando encontravam alguém da mesma região ou tribo, perguntavam por parentes e conhecidos, e às vezes aconteciam coincidências. Na segunda ou terceira leva anterior à nossa, havia um homem que conheceu a família de um rapaz que já estava no armazém e contou que a aldeia deles tinha sido arrasada, que os que não foram capturados estavam mortos. (GONÇALVES, 2009, p.50)

Kehinde sendo a única sobrevivente de sua família, ao chegar ao Brasil observa de perto o drama daqueles que chegaram ao Brasil e perderam o contato com familiares e amigos.

A diáspora em si também foi sinônimo de resistência identitária, pois muitos dos que ali estavam não renegaram suas origens, clãs, religião, modos, a maioria não aceitou como sua principalmente a religião dos brancos, o agressor determinava que os cativos renegassem os nomes que lhes foram dados em nascimento no seio da África, sendo para o colonizador esse prenome, a definição de paganismos e idolatria, assim como sua cultura.

Aqui, Kehinde resiste ao não renegar um nome que lhe foi dado no seio de sua cultura, ela em um ato de bravura, recusa o batismo, escapa da mudança de nome, aqui percebemos sua iniciativa para manter a sua religião e sua cultura africana vivas, tanto em sua memória quanto em sua vida, mesmo diante das repressão e imposição do catolicismo.

Quando eu disse que me chamava Kehinde, o nosso dono pareceu ficar bravo, e um dos empregados perguntou novamente, em iorubá, que nome tinham me dado no

<sup>10</sup> JORGE, Nedilson (org.). **História da África e relações com o Brasil**. Brasília: FUNAG, 2018. p.166

<sup>11</sup> SILVA, Alberto da Costa e. **Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África**. 5.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p.353

batismo. Eu repeti que meu nome era Kehinde [...]Foi só então que me lembrei da fuga do navio antes da chegada do padre, quando eu deveria ter sido batizada, mas não quis que soubessem dessa história. A Tanisha tinha me contado o nome dado a ela, Luísa, e foi esse que adotei. Para os brancos fiquei sendo Luísa, Luísa Gama, mas sempre me considerei Kehinde. O nome que a minha mãe e a minha avó me deram e que era reconhecido pelos voduns, por Nana, por Xangô, por Oxum, pelos Ibêjis e principalmente pela Taiwo. Mesmo quando adotei o nome de Luísa por ser conveniente, era como Kehinde que eu me apresentava ao sagrado e ao secreto. (GONÇALVES,2009, p.52)

Mesmo com toda a resistência, o modo como os povos foram retirados do seu território, fez com que ocorresse uma ruptura, tanto temporal quanto tradicional, atemporal fica atrelada as viagens pois vivendo ali trancafiados, não se sabia se tinham passado dias, semanas ou meses, já a ruptura tradicional se deu em questão da não transmissão de momentos vividos pioneiramente na terra mãe, fazendo assim com que aprendizados fossem não ensinados e não absorvidos, bons momentos não fossem vivenciados, nascimentos não fossem presenciados:

Do mesmo modo que é no outro lado do oceano que principiam outras histórias com as quais compomos a história do brasileiro. Não numa África mítica, mas em cada uma das nações que tão diversamente nela vivem e possuem passado. Só conhecendo como foram, ao longo dos séculos em que tiveram parte de sua gente transplantada para as Américas, é que poderemos contar coerentemente por que e como no Brasil assumiram novas identidades e acabaram por se misturar entre si, de maneira quase impossível de desenredar. (MACEDO, 2013, p.195)

A desterritorialização fez ressurgir principalmente a identidade de um povo, pois este processo de certa forma era inédito nas proporções em que tomou, reafirmar para si e para os diversos clãs quem eles eram, admitindo suas identidades e não deixar que isto caísse em esquecimento ou se tornasse uma recusa, através das contrariedades dadas pela condição de escravizado. Desta forma os que ali estavam mantinham-se ligados, construindo uma relação de afeto e familiaridade, tornando-o como um elo.

A história desenvolveu-se através da bifurcação do ser escravo e estar escravo, o primeiro se dava através do cativo que não por escolha, mas por desígnio e abuso do arbitrário se encontrava, aceitava e permanecia naquela condição, fazendo que sua vida girasse em torno daquilo até sua possível libertação ou morte, o segundo caso se ordenava em homens e mulheres que não mediam esforços, assim estes optavam por três linhas de raciocínio, a primeira, a fuga, a segunda o suicídio e a terceira trabalhar como escravos de ganho para conseguir a carta de alforria, buscando incessantemente esses meios com os quais pudessem subsidiar suas ideias de escape.

A ideia de libertação também se dava em dois momentos durante o traslado, o primeiro se dava durante as viagens nos tumbeiros, onde os escravos se rebelavam tomando o controle dos navios e liderando motins que por vezes ocasionava uma libertação em massa, assim como

explica Rodrigues (2005, p. 223 e 224 apud Costa 2012, p.8), “Negros embarcados sublevaram-se, arrombaram o paiol onde estavam as armas e munições e ocuparam o convés do navio.

Apesar da resistência dos tripulantes que abriram fogo contra os rebelado e mataram alguns deles”, o segundo acontecia durante a estadia no país, por aqui também aconteciam fugas, os escravizados observavam o ambiente, apontando meios e caminhos viáveis para a evasão, esse escape, era chamado de fuga de rompimento<sup>12</sup>.

Assim, podendo realmente retomar a vida que lhes foi roubada, muitas das vezes os escravizados fugiam na esperança de encontrar um ambiente tranquilo, com seu folclore, cultura, danças, alimentação e principalmente respeito, com muita combate foi “construindo espaços de luta, resistência e liberdade. Hoje há a figura dos quilombos, que muito nos orgulham e que ainda simbolizam a resistência dos negros à escravidão” (JORGE, 2018, p.28), nesses ambientes estes dispunham de apoio moral necessário para um bom viver, onde a simbologia africana que lhes foram ensinadas nos primórdios de suas existências, eram ainda mais exteriorizadas, fazendo com que continuamente fossem compartilhados os valores tradicionais, “Ele achava que a vida era muito melhor nos quilombos, onde ninguém era dono de nada ou de alguém, tudo era de todos e cada um mandava em si, dividindo o que plantava e colhia e o que produzia com as artes das próprias mãos” (GONÇALVES, 2009, p.112).

A percepção que se tem e com razão, era que todos os escravocratas sustentavam um desprezo agressivo referente aos cativos, em que nutriam assim um desejo ainda maior de fuga daquele processo brutal. Os que conseguiam de certa forma alcançar sua liberdade, lutavam bravamente até conquistar a do seu próximo, era uma motivação grandiosa, um esforço mútuo:

[...]a natureza de tal tráfico e suas consequências, mais especificamente na América e nos Caribes, levaram os africanos a travarem lutas por sua liberdade. Estas lutas, com o passar do tempo, despertaram nas consciências a preocupação generalizada da redenção da África e da libertação dos negros do mundo inteiro. [...] Apesar da dominação colonial, tal processo seguiu seu curso, tratando-se provavelmente da mais importante consequência histórica da diáspora africana. (HARRIS; OGOT, 2010, p.163)

Os esforços empregados nas migrações neste caso forçadas fez com que nos deparássemos com relativas e mútuas processos de africanidade, a África que habita na nação brasileira, nos remete a variedade de povos fruto de miscigenação patente, nos dando embasamento para pensar e observar o que foi esta irrevogável narrativa.

---

<sup>12</sup> Na fuga de rompimento, o escravo burlava a fiscalização exercida pelos funcionários, embrenhando-se no mato na esperança de construir uma nova vida, essas fugas deram origem aos primeiros quilombos. Fonte: (<https://www.canalcurtahistoria.com/post/resist%C3%A2ncias-negras-no-brasil-colonial>)

O opressor concebeu povos meramente pela diversificação cultural, por exemplo, ou seja, o dominador usou as diferentes culturas como uma forma de legitimar e dar prosseguimento à opressão. Ao formar diferentes grupos culturais, o tirano usou estratégias para dividir e hierarquizar, mantendo o controle sobre esses indivíduos e garantindo sua própria soberania. Em síntese, a diversidade cultural foi utilizada como um mecanismo de dominação pelo soberano, criando divisões e esferas entre os grupos étnicos para justificar o abuso e a dominação.

A multiplicidade de etnias e clãs era decorrente não apenas do processo de apresamento do negro que, como vimos, variava com o tempo; decorria também do interesse que os senhores tinham em ter escravos de diferentes origens; isso a seu ver, representaria diversificação de hábitos, língua e religião, dificultando a integração da população escrava e o surgimento de qualquer espécie de organização conduzida por eles. (PINSKY, 2010, p.30)

A forma como os cativos foram inferiorizados perante as quais se achavam no direito de comandar e demandar a vida e os costumes do outro, engrena mecanismos de resiliência e emancipação, pois ao contato com o outro observava-se que ali existia o espírito de presença e autoridade efetiva.

Para Silva (2011), tendo em vista a assimetria das ações da igreja católica, ao qual, necessariamente defenderia as minorias, estavam dispostas apenas em argumentação, a percepção disto era nítida, pois a forma como aplicavam tal como sendo a “nova” religião, fazendo assim com que ela tomasse um sentido contrário ao qual estava estruturada.

Pois o compartilhamento das ideias de “amor ao próximo” e “salvação”, o qual o preto não usufruiria desses “direitos”, até a possível rendição, levando assim a doutrina desta por um caminho de incoerência.

Essa tática inconveniente trouxe efeitos catastróficos desde o outro lado do Atlântico até aqui, a mobilização grandiosa no qual as diásporas negras estavam inseridas se tornaram incontáveis pelo tamanho de sua formação.

Todo esse processo principalmente o traslado, foram promoções de horror, mantendo inocentes cativos e algozes em liberdade, estando assim aprisionados, a eles tudo era imposto e deste modo eram obrigados a serem alvos de inúmeros crimes considerados legais e comuns, sendo a eles dirigidos injúrias diversas, assim eles se mantinham unidos na tentativa da sobrevivência a carnificina, mas era deste modo perceptível, a forma como o fervor da violência era tensionada, fazendo-os muitas vezes a ficarem em dúvida se a morte seria realmente algo ruim:

Enquanto nos perguntávamos se seria ou não o fim, ocorreu-me que a morte não seria nada a mais que a libertação da minha escravidão e, por isso, era mais bem-vinda do

que o contrário. Na verdade, eu nem me importava. Eu era apenas um escravo sem esperança ou perspectiva de liberdade, não tinha amigos nem liberdade. Eu não tinha esperanças neste mundo e não sabia nada do próximo; tudo era escuridão, tudo era medo. O presente e o futuro eram como um só, sem marca divisória, só trabalho! Trabalho!! Crueldade! Crueldade!! Não seria o fim, só a morte de todos os meus lamentos.(MOORE; BAQUAQUA, 2001, p.70)

Esse displicente curso no qual foi imposto aos cativos, foi a segunda das três fases que englobaria o chamado comércio triangular, sendo esse uma espécie de importação e exportação em massa, onde produtos eram exportados da Europa para a África, escravos eram exportados da África para as Américas e produtos coloniais como o algodão e o açúcar, por exemplo eram vendidos das Américas para a Europa<sup>13</sup>. Os inúmeros casos de violências e humilhações sofridas durante o percurso marcou a doentia estadia nos tumbeiros, estabelecendo assim a imensidão da desastrosa rota.

Paremos para pensar na magnitude desse fato histórico, um processo que se sucedeu por séculos, tomemos como exemplo as primeiras navegações no século XV, séculos estes de escravidão e morte, a duração desse acontecimento acabou por findar milhares de vidas, em que a grande maioria dessas pessoas, não tiveram um rito de passagem, como era tradicional da cultura africana, um culto onde se preservava a energia mesmo após a morte.

Essa era uma realidade que levava os escravizados a uma tristeza inevitável, que se ampliava com o desenrolar dos dias, tristeza esta que se transformou em uma produção de força, os repetidos atos de bravura herdada dos ancestrais, fazia com que se reunisse assim resultados fantásticos em relação aos paralelos que seriam a clausura, a discriminação, o racismo e o preconceito cultural, por exemplo.

Muitos dos que ali estavam exalavam poder, um poder que não se media ao dos brancos, um poder honroso, histórico, o molejo de conseguir passar por um mar de “derrotas” e alcançar uma reerguissão em terras distintas das quais era totalmente diferente da de costume, era sem dúvidas uma vitória.

Ao chegarem no destino aqueles que sobreviveram a viagem passavam por uma espécie de quarentena, ficando em ilhas próximas às cidades, assim como explica Gomes (2019, p.24), na chegada “[...]aos portos brasileiros, o capitão do navio deveria antes registrar sua carga [...] e submeter-se à fiscalização sanitária. Escravos doentes ficavam em quarentena. Era uma forma de impedir que as doenças se propagassem pela população local”. Isso era como uma garantia de que as doenças não se alastrasse pela cidade, aumentando os focos da doença:

---

<sup>13</sup> OGOT, Bethwell Allan. **História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII**. Brasília: UNESCO, 2010. P.50

Quando abriram a porta, fomos avisados de que, por causa das mortes a bordo e de algumas pessoas que ainda estavam muito doentes, não poderíamos desembarcar logo na cidade de São Salvador, o nosso destino. Estavam nos deixando em uma ilha chamada Ilha dos Frades, onde ficaríamos por um tempo até terem certeza de que mais ninguém adoeceria ou morreria. Quem nos contou isso foi um guarda que, durante todo o tempo, me pareceu ser uma boa pessoa, porque os outros nem se davam ao trabalho de prestar atenção às nossas perguntas. Eu me senti quase feliz ao avistar a Ilha dos Frades. Uma felicidade que talvez pudesse ter sido chamada de alívio, como aconteceria várias outras vezes em minha vida. (GONÇALVES, 2009, p.43)

O tumbeiro no qual Kehinde estava teve seu porão alastrado por Varíola, assim quando a menina avista a ilha de Itaparica, um sentimento de conforto a invade, é como se ela dissesse para si mesma, sobrevivi. Durante os dias na ilha, os cativos eram alimentados e recebiam medicação, através disso, observa-se a importância da cooperação de todos os que estavam também detidos, foi um marco magnânimo para o auxílio, pois viam-se em um mundo de desordem infernal.

A violência era sempre presente, pois eram inferiores e mereciam passar por toda aquela hostilidade, como explica Gomes (2019, p.56) “A completa perda da identidade original do escravo e sua nova condição de submisso a vontade do senhor só seria possível mediante o uso continuado da força”. Dessa forma, o tempo se passava e aquele terror vivido por todos aqueles que passavam pelo tráfico se repetia, com suas rebarbas e aceitação.

O movimento diaspórico implicou e inseriu os que ali estavam em um processo de desafrikanização:

Processo psicológico e cultural de desconstrução da identidade dos africanos e seus descendentes dispersos. A principal estratégia do escravismo nas Américas era fazer que os cativos esquecessem o mais rapidamente sua condição de africanos e assumissem a de “negros”, marca de subalternidade, a fim de prevenir o banzo\* e o desejo de rebelião ou fuga, reações frequentes, posto que antagônicas. O processo de desafrikanização começava no continente de origem, com conversões forçadas ao cristianismo, antes do embarque. Seguiu-se a adoção compulsória do nome cristão, bem como do sobrenome do dono, o que representava, para o africano, verdadeira e trágica amputação. (LOPES, 2011, p.486)

Ou seja, essa imposição violenta fez com que a identidade de muitos fosse desconstruída, logo tudo era imposto compulsoriamente, tanto a religião, o novo nome e o batismo, por exemplo.

Ao que se refere ao batismo, podemos salientar que este era feito tanto antes de entrarem nos navios, ainda em África quanto na viagem dentro dos porões, mas também na chegada a nova terra, neste caso enfatizamos o batismo feito deste lado, logo isso se atrelou ao fato de que



aqueles que eram batizados tornavam-se mais valorizados, ou seja, os cativos batizados tinham o dobro do valor dos que não eram, diante do comprador<sup>14</sup>.

O fato de serem viajantes e de terem suas vidas escamoteadas e conseqüentemente a atestarem seus óbitos diante de suas descendências, não os tornava brancos, por mais que o agressor remoesses a ideia de batizá-los em “nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, dados nomes condizentes com a religião católica, “ A cada escravo, quando chegada sua vez, dizia o padre: seu nome é Pedro, o seu João, o seu é Francisco e assim por diante, dando a cada qual um pedaço de papel com o nome por escrito, e pondo-lhe na língua uma pitada de sal, antes de aspergir com um hissope água benta em toda multidão”. (PEREIRA, 2007, p.41), ou com a língua, neste caso a portuguesa, os dando roupas distintas das quais todos ali estavam acostumados a usar, não os igualava.

Todo esse processo, cerimônia ou ritual, não era uma forma de acolhimento aos vivos, estes os viam como um povo que era até então a minoria e que precisavam se portar e estar inseridos naquele ambiente de faz de conta. Era algo simbólico, extremamente calculado, fazendo-os renegar seus costumes, assim aqueles que não tinham sido batizados em solo africano eram submetidos a passarem por uma espécie de questionário oral, “Após as perguntas serem respondidas, os escravos poderiam ser batizados e, a partir daí, ter acesso ao Reino dos Céus. Nota-se que a preocupação [...] do batizador é a de levar o escravo a deixar as velhas práticas tidas como pagãs” (PEREIRA, 2007, p.40). Assim, o cativo renegava perifericamente seus “maus hábitos”, sendo posteriormente considerado “filho de Deus”:

Foi então que ficamos sabendo o motivo da demora no embarque dos homens, pois os brancos tinham batizado todos eles com nomes que chamavam de nomes cristãos, nomes de brancos, e àquele homem da perna Machucada, de acordo com um outro que estava logo atrás dele na fila, tinham dado o nome de João. Soubemos que o padre que fez os batizados tinha chegado atrasado, depois do embarque das mulheres. Os guardas colocaram os homens em fila e, um por um, tiveram que dizer o nome africano, o que podia ser revelado, é claro, e o lugar onde tinham nascido, que eram anotados em um livro onde também acrescentavam um nome de branco. [...] o padre, [...] então jogava água sobre suas cabeças e pronunciava algumas palavras que ninguém entendia. [...] Foi tudo muito rápido, mas disseram que mesmo assim se formou uma grande fila diante do padre, parecendo uma cobra que ia da beira da água até quase a saída do barracão onde estivemos presos. (GONÇALVES, 2009, p.35)

No romance, a autora explora a imposição do batismo na religião católica ao embarcarem para o Brasil. Ela ilustra o simbólico apagamento da religião africana em substituição pela católica. Logo, o batismo dos cativos se atrelou a emancipação das virtudes cristãs, na qual colocava Jesus como ícone de paciência e resignação, destacando que o

<sup>14</sup> PEREIRA, Júlio C., M.S. **À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond: IPHAN, 2007. p.40 e 41.

escravizado deveria aguentar sem esbravejar todo tipo de atrocidade cometida pelo repressor, pois era através do cativo que se chegaria a liberdade. Assim, por vezes a escravidão nos engenhos de açúcar, era comparada ao inferno<sup>15</sup>, logo a atualização da historicidade do povo preto se dava de acordo com o desenvolvimento dos dias, nas lavouras de algodão, arroz, cana-de-açúcar, os brancos usavam os escravizados em geral como uma alegoria, tudo era uma mera formalidade, sendo uma atribuição a forçada aceitação da nova vida, os cativos precisavam se resignificar para caber a todo custo em uma sociedade escravista na qual lutava por um falso combate ao regime escravocrata.

Por isso, ao combater a escravização dos ameríndios, Vieira propôs como alternativa que se trouxessem escravos da África. E não terá sido por recurso de argumentação que afirmou[...] não ser seu intento que não houvesse escravos, mas que estes fossem somente os surgidos do cativo lícito — de um cativo lícito cujos limites ele sabia que mudavam de autoridade para autoridade. É certo também que ele se opôs à rebelião dos escravos e que num de seus sermões, o XXVII do Rosário, lhes recomendou que se conformassem com sua condição, trabalhassem com zelo e obedecessem a seus senhores, a fim de que pudessem alcançar a “alforria eterna”. (SILVA,2011, p.583)

O cativo no qual o padre Antônio Vieira cita, tinha seu início na apreensão e subsequentemente perduraria através dos leilões de compra e venda, sabe-se que esses leilões era feitos tanto na costa da África antes de embarcarem nos navios, quanto depois, já na chegada a terras brasileiras, logo aqueles que chegavam ao Brasil eram divulgados e arrematados em leilões como produtos, tudo o que rege a diáspora é marcado de sofrimento, e os leilões não foram diferentes, nota-se que as expectativas quanto ao serem leiloados não era boa, pois aqueles que não foram separados antes e durante a viagem, infelizmente foram depois, assim como relata Azurara<sup>16</sup>:

Ao relatar o início do leilão, Azurara mostra-se comovido com as reações dos cativos diante da perspectiva de serem comprados por senhores diferentes, o que significaria a separação definitiva entre pais e filhos, esposas e maridos, irmãos, amigos e companheiros de longa data: Qual seria o coração, por duro que pudesse ser, que não fosse pungido de piedoso sentimento vendo assim aquela campanha? Porque não tinham as caras baixas e os rostos lavados de lágrimas;[...]Perante tanta dor e sofrimento, o piedoso coração de Azurara encontrava pelo menos um motivo de consolo. O cativo daqueles africanos, acreditava ele, era a oportunidade de salvá-los as almas, retirando-os da escuridão da barbárie e do paganismo em que até então se encontravam para introduzi-los na luz da religião cristã e da civilização portuguesa. E assim também pensava o poderoso infante, cuja vontade e grande prazer, na interpretação do cronista, estavam “na salvação daquelas almas que antes eram perdidas”. (GOMES,2019, p.44)

<sup>15</sup> SILVA, Alberto da Costa e. **A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700**. 2.ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p.583.

<sup>16</sup> Gomes Eanes de Zurara foi um cronista e escritor português do século XV. Falecido provavelmente em 1474. Com sua obra Crônica do descobrimento e conquista da Guiné, talvez escrita entre 1463 e 1468, tem início em Portugal a literatura da expansão ultramarina. Fonte: (Silva, 2012, p.44)

Assim, o cativo era tido como uma ideia de salvação para aquelas almas que se encontravam na perdição, sendo assim a escravidão era como um acalento para a alma daqueles que estavam inseridos naquela barbarie.

Os anúncios de jornais que eram considerados mais significativos eram os de compra, venda, aluguel, troca, fugas e leilões de escravos, anúncios estes que só desapareceram no fim do século XIX, com uma intensa campanha abolicionista<sup>17</sup>. Um dos indícios que nos levam a pensar sobre os leilões de escravos em terras brasileiras, era que um dos artifícios utilizados na época para anunciar que uma leva de “escravos novos” tinha chegado, eram os jornais, levando assim muitos curiosos, compradores e até mesmo outros escravizados ao local, os anúncios serviam tanto para divulgação de compra e venda de escravos quanto para comunicar a fuga dos aprisionados<sup>18</sup>, muitos dos anúncios especificavam as características físicas dos que estavam confinados nos navios, chegando assim a ficarem deformados por não conseguirem mudar de posição por falta de espaço, durante a viagem, “o "mal-de-luanda", o escorbuto, as "pernas tortas", os "braços finos", os "joelhos tronchos", certos casos de cabeças deformadas,[...] casos de raquitismo, devido à deficiência de alimento e à falta de sol”(FREIRE,1979,p.90). Infelizmente essas doenças levariam a morte ou uma possível seqüela devido a falta de cuidado durante a estadia nas senzalas e casas grandes.

Desse modo, pode-se perceber que a diáspora foi sem dúvidas um processo conturbado, cheio de dor, sofrimento e angústia, a comercialização transatlântica de escravizados foi um marco doentio da dispersão, levando a quebra de laços, separação essa marcada por humilhações públicas, confinamentos insalubres, retenção de pertences. Todo esse processo foi um apartamento repentino, este estando ligado a diversas formas de resistência, como motins, fugas, a não aceitação da religião católica etc. Logo percebemos que os escravizados mantiveram suas nacionalidades ao chegarem ao Brasil, montando uma reerguição, lutando bravamente pela sua liberdade.

---

<sup>17</sup> FREIRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional; 79-0374 [Recife]: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979. p.82.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p.90.

## **2. A LUTA PELA LIBERDADE DO CORPO NEGRO ESCRAVIZADO: TRAÇANDO RESISTÊNCIAS E IDENTIDADES.**

A resistência na escravidão foi uma soma de métodos, ações e planejamentos efetuados pelos escravizados para confrontar e encarar a violência e o abuso do sistema escravocrata. Ao longo de séculos, milhares de africanos foram deslocados, sendo presos e escravizados, tornando-se induzidos a uma condição degradante, sendo levados a uma realidade atroz e devastadora. Contudo, apesar dessa injustiça, os escravizados conseguiram de diversas maneiras lutar por sua independência e emancipação.

As primeiras manifestações de resistência à escravidão foram enfrentadas pelos escravizadores ainda na África, no momento em que os negros e negras eram capturados, amarrados e amontoados em armazéns, à espera dos navios que os trariam para o Novo Mundo. Como uma viagem entre a África e o Brasil era muito dispendiosa, esses humanos, vitimados pela mercadorização, permaneciam por vários dias trancados à espera da formação de uma carregamento completo, para então serem transportados até o destino de sua escravização. Durante a espera não permaneciam quietos, resistiam de todos os modos possíveis, sendo mais comum a rebelião. Há registros de rebeliões na ilha de São Tomé; e também a bordo dos navios negreiros irromperam revoltas nas quais, os escravos matavam marinheiros e europeus, jogavam nas águas salgadas do Atlântico e tomavam o comando dos navios. Alguns navios foram aportar em ilhas povoadas apenas por índios, ou na costa da América Central. E quando resistir se tornava impossível, restava-lhes aguentar as condições desumanas da viagem que, muitas vezes causavam-lhes à morte. (LEITE,2017,p.04)

Segundo a autora, os primeiras mostras de resistência ao cativo ocorreram na África, quando mulheres e homens negros foram sequestrados, amarrados ou acorrentados, e presos em grandes armazéns, aguardando por dias ou até mesmo semanas para serem levados para o Novo Mundo, especialmente para o Brasil. O traslado entre a África e o Brasil era de certa forma cara, então eles eram trancafiados por vários dias até que conseguissem um número suficiente de cativos para formar uma carga completa para a viagem.

Durante o período de apreensão nos armazéns, os africanos vitimados pelo tráfico, sendo tratados como mercadorias, ou até mesmo como animais, não permaneceram passivos. Pelo contrário, resistiram da maneira como podiam, já que na maioria das vezes eles ficavam acorrentados. A maneira mais comum de resistência nesse caso era a rebelião.

Chegando o navio negreiro ao porto, procurava-se embarcar os escravos de acordo com a ordem de sua chegada ao depósito. O temor de uma revolta dos negros estava sempre presente – o que deixa claro que não se tratava de rebanho cordato, mas de seres humanos orgulhosos – e imaginava-se que ninguém deveria ficar muito tempo nos depósitos, para não semear o gérmen de uma rebelião. (PINSKY, 2010,p.33)

Ou seja, desde o momento em que eram apreendidos na África até sua chegada ao Brasil como escravos, muitos dos sujeitos que seriam escravizados não aceitavam submissamente a sua situação, lutando contra a violência e a própria escravidão imposta a eles. A resistência à escravidão foi uma figura fundamental da história dos africanos escravizados e seu enfrentamento contra a opressão e a violência.

A respeito disso podemos dizer que, a violência é multifacetada, logo sua natureza não é facilmente definida, pois necessita do envolvimento de vários elementos e diferentes perspectivas teóricas, abordando também diferentes modos de resolver esse fato, assim a violência é característica da natureza humana, este fato é presente em qualquer contexto, sendo fundamentalmente ligado ao comportamento humano, estando basicamente ligada aos impulsos elementares, como a subsistência e autoproteção. No entanto, a violência não natural, podendo

ser chamada de artificial, é definida como uma força desproporcional exercida por indivíduos, ou grupos sobre outrem, implicando assim que esse modo de violência não é natural, mas uma consequência de disparidade de poder, resultando em opressão, abusos etc.

O conceito de violência é ambíguo, complexo, implica vários elementos e posições teóricas e variadas maneiras de solução ou eliminação[...]A violência pode ser natural ou artificial. No primeiro caso, ninguém está livre da violência, ela é própria de todos os seres humanos. No segundo caso, a violência é geralmente um excesso de força de uns sobre outros. A origem do termo violência, do latim, violentia, expressa o ato de violar outrem ou de se violar. Além disso, o termo parece indicar algo fora do estado natural, algo ligado à força, ao ímpeto, ao comportamento deliberado que produz danos físicos tais como: ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, que produz humilhações, ameaças, ofensas. Dito de modo mais filosófico, a prática da violência expressa atos contrários à liberdade e à vontade de alguém e reside nisso sua dimensão moral e ética. (PAVIANI; MODENA, 2016, p.09)

A violência implica métodos de silenciamento, determinando agressões diversas, através disso a literatura funciona como uma válvula de escape, passível de emergir pontos que outrora foram abafados pela violência, apoiando-se nisso pensa-se em como e porquê esse fato torpe é empregado, apontando assim a função de contribuinte para o fortalecimento desse tipo de acontecimento, buscando meios de justificar essa situação, assim, “A violência nasce da agressividade, da "inclinação instintiva" do homem para matar ou fazer sofrer seus semelhantes. [...] a violência não tem outra causa senão a satisfação dos impulsos e desejos destrutivos do homem”. (COSTA, 1986, p.24).

A partir disso, pensa-se na materialização desse fato, de forma que a ocorrência de coação ao indivíduo, torna-o refém da realidade, onde o único meio é ser sujeito anexo ao fato, assim o fazendo um mero sobrevivente, através disso tenta-se a partir daí uma tentativa de fuga da realidade trazendo junto a isso, medo e desordem, por vezes atribuindo a ideia de que através das situações de violência, gera-se mais violência, desta forma percebe-se a magnitude de tais atos, sendo que na grande maioria das vezes o indivíduo não consegue se distanciar ou até mesmo sair dessa realidade.

## **2.1 VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA NA DIÁSPORA**

No que diz respeito a violência, é observado que partindo do pressuposto de que as algumas violações sofridas foram praticadas ainda em África, quando muitos foram retirados de suas terras de forma repentina, sendo a maioria desses arranques marcadas por múltiplas violências, podendo essas agressões serem caracterizadas desde forçar um indivíduo a sair de sua terra natal contra sua vontade, usurpar seu direito de ir e vir em liberdade, até usar de métodos para o oprimir e o aterrorizar:

1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constringer, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5) conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror. (CHAUI, 2011, p. 1 apud SILVA; MODENA, 2016, p.98).

O sequestro de pessoas foi o evento que marcou o início da diáspora africana, captura está marcada por ameaças e violências, esses aspectos evidenciam “[...]uma história de domínio e opressão de um grupo de seres humanos pelo outro, de muita dor e injustiça” (GOMES, 2019, p.27). A captura na grande maioria das vezes era feita por traficantes locais, que a faziam de forma abrupta, armando emboscadas e ameaçando os aprisionados com armas de fogo, chicotes e lanças.

Kehinde relata a forma abrupta com que ela e sua irmã são presas, por serem crianças e indefesas, as gêmeas Kehinde e Taiwo, não conseguem se desvencilhar do sequestro, sendo aprendidas por homens adultos com o triplo do seu tamanho e força, assim as meninas não tiveram escolha, não tendo forças para se defender daquela apreensão, sendo levadas ao cativo:

Eu e a Taiwo gritamos e tentamos fugir, mas ele era muito mais forte do que qualquer tentativa, e ninguém nos defendeu. [...] O guarda nos empurrou para dentro e ficou parado na porta com a lança em posição que poderia ser tanto de ataque como de defesa, e apontou um canto onde estavam as mulheres. [...] Todos os dias chegava mais gente capturada em muitos lugares da África, falando línguas diferentes e dando várias versões sobre o nosso destino. (GONÇALVES, 2009, p.26 e 27)

Os gritos de Kehinde e Taiwo passaram despercebidos, eram gritos entre muitos, ninguém se dispôs a ajudar as meninas, o guarda aponta a lança mesmo vendo que as meninas eram frágeis e não iriam reagir, a lança estava ali como uma forma de coagir todos aqueles que tentassem se rebelar.

A maioria dos sequestros e apreensões eram movidas por guerras locais, estas movimentavam o comércio escravista, assim os mercadores de escravos e os compradores tinham uma espécie de “acordo”, trocando mercadorias entre si, após a captura, os cativos tinham de caminhar por longos trechos de terra, acorrentados uns aos outros, para que eles não pudessem fugir, seus corpos doentes e exaustos pela caminhada, tinham de aguentar as marcas da violência.

Os escravos eram colhidos no interior, amarrado juntos uns dos outros em colunas, suportando pesadas pedras de 20 ou 25 quilos para evitar as tentativas de fuga; então, marchava uma longa jornada até o mar, que, algumas vezes, a centenas de quilômetros

e, esgotados e doentes, caíam para não mais se erguer na selva africana. Alguns eram levados até a costa em canoas, deitados no fundo dos barcos por dias sem fim, com as mãos acorrentadas, as faces expostas ao sol e a chuva [...]. (JAMES,2010, p.22)

As capturas em terras africanas eram movimentadas pela ganância, assim quanto mais cativos, maior seriam os lucros dos traficantes e comerciantes de escravos. Logo após o sequestro além de toda violência sofrida, os cativos seriam ainda mais torturados, além da captura, uma prática comum a ser utilizada, era a de marcar a ferro em brasa o corpo do cativo, a partir daí o negro seria uma propriedade, passível de qualquer tipo de sofrimento,

Para Gomes (2019) os africanos capturados recebiam não só uma, mas várias marcas com *ferro em brasa*, entre elas podemos pontuar esses diferentes sinais: A primeira marca a ferro seria a identificação do comerciante encarregado de despachar a remessa ao litoral. Ao chegarem à faixa de areia, estes recebiam a segunda marca com o selo da coroa portuguesa no lado direito, em cima do peito, representando que as taxas teriam sido devidamente pagas. A marca da cruz seria um indício de que o cativo teria sido batizado, totalizando a terceira marca. A última marca seria feita nos braços ou no peito dos cativos, indicando o nome do mercador que despachava a carga.

A partir disso, podemos entender de que forma essa prática era adotada, sendo marcado por dor e agonia, deste modo a pessoa inserida naquele macabro rito era sentenciada, esse evento seria descrito como:

O trabalho de marcar os cativos era designado a uma pessoa, chamada de “marcador de negros” durante o ritual era de praxe colocar um carimbo de metal, em cima de carvão em brasa, quando o metal ficava extremamente quente, imobilizavam o escravizado e cobriam o local a ser marcado com cera e papel embebido em óleo, evitando que a pele desgrudasse da carne durante o ritual de marcação. A dor que a queimadura causava era tanta que os cativos gritavam se debatendo ao sentir o calor do ferro se aproximando, assim os aprisionados eram contidos por aqueles que auxiliavam quem marcava (GOMES,2019, p.229 e 230, grifo nosso).

Na narrativa em estudo, as marcas da violência, se davam também durante o traslado, ali trancafiados os cativos eram submetidos a inúmeras formas de aprisionamento, sendo submetidos a ficarem *amarrados* uns aos outros, podendo permanecer na mesma posição por dias, isso era uma prática “comum” dentro dos negreiros, na tentativa de dificultar possíveis *fugas e motins*, assim os cativos eram “[...]amarrados uns aos outros, inclusive a quem não era muçurumim, não podiam se movimentar, por falta de espaço[...]”(GONÇALVES, 2009, p.34).

Durante o cativeiro seja nos tumbeiros, seja no novo mundo, os cativos utilizavam de diversos mecanismos para resistir a violência e opressão, um deles era o ato de tirar a própria vida, o *suicídio* neste caso, nos remonta tanto a um ato de desespero extremo, como também a um ato de resistência:



A condição da experiência humana deveria prever o exercício da liberdade. Os escravos privados de sua humanidade em situação de cativo recorriam a diversos mecanismos para reconquistá-la. A fuga pode ser tomada como uma das estratégias de reação mais comuns decorrentes da violação da condição humana dos seres escravizados. Além desta, outras formas de contestação sugeriam não só a crueldade característica da escravidão como a alteridade dos sujeitos escravos. Nesse sentido, o suicídio do sujeito escravo pode ser visto como a forma extrema de resgate de seu caráter humano. (BRUNO, 2012, p.58)

Por se rebelar aqueles que conviviam com o rebelado, acabavam sendo castigados, os castigos variavam, assim os cativos eram *chicoteados*, tendo sua carne dilacerada pelos golpes, e pelos instrumentos feitos propriamente para esse fim, “Usavam o chicote e todas as línguas que conheciam para que entendêssemos[...] Ao entrar no porão, os guardas ficavam apenas o tempo suficiente para [...] distribuir comida ou chicotear quem gritava ou reclamava das condições de viagem” (GONÇALVES, 2009, p.36), assim tanto o corpo quanto a alma eram confinados aquela detenção, o definhamento do corpo era uma realidade, mas a alma não poderia ser aprisionada, logo o *suicídio* era uma forma de resistência, moldando a ideia de retorno ao país de origem:

Depois do embarque, era também considerada perigosa a fase inicial da viagem. Com sua terra ainda à vista, havia o risco de os escravos se rebelarem e tomarem conta do navio. O número de suicídios nessa fase era proporcionalmente mais alto. Por essa razão, os cativos eram trancafiados e acorrentados nos porões enquanto o navio não atingisse o alto-mar, o que poderia demorar vários dias. Os equipamentos de bordo incluíam um inventário sinistro de instrumentos para imobilizar e punir os escravos, como correntes com cadeados, tornozeleiras e colares de ferro. De uso mais frequente era o “bacalhau”, pequeno chicote de tiras de couro com pequenos nós ou lâminas de metal nas pontas, cujo golpe poderia lacerar a pele dos escravos. Nos navios ingleses, esse instrumento era chamado de *cat-o’-nine-tails* (gato de nove rabos), devido ao número de tiras. (GOMES, 2019, p.233)

As técnicas de tortura utilizadas durante o traslado nos navios negreiros eram diversas, sabe-se que contra os aprisionados inseridos na diáspora negra, movimentavam-se diversas baixas, sendo eles afetados negativamente, entre elas a tristeza de se encontrar distante de sua terra e de seus familiares, sobrevivendo em um ambiente sujo e sem espaço, convivendo com a fome e a miséria, sendo acorrentados e agredidos, tudo isso ocasionava surtos de depressão, o banzo, “Escravos que, em meio a surtos de depressão (o então famoso banzo), tentassem fazer greve de fome eram punidos com chicotadas e forçados a comer mediante o uso de um aparelho chamado *speculum oris*”<sup>19</sup>, essa enfermidade psicológica, colocava o negro em uma espécie de vazio existencial.

---

<sup>19</sup> GOMES, Laurentino. **Escravidão- vol.1: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Globo Livros, 2019. p.239

Durante a estadia no tumbeiro Kehinde viu de perto a morte, ali trancafiada a menina pode observar como o suicídio pode ser imperceptível, já que mesmo estando todos justos, os cativos não observaram em que momento os homens tinham se enforcado:

[...]na manhã seguinte, três [...] homens apareceram mortos, tinham se enforcado durante a noite. Ao retirarem os corpos, os guardas avisaram que se mais alguém se matasse, o corpo ia ficar ali mesmo, até o fim da viagem que mal tinha começado, como um castigo para todos os outros. A partir daquele aviso, quase ninguém dormiu direito para vigiar os companheiros, porque não queria ter ao lado um cadáver apodrecendo. Talvez mais pelo incômodo de sabê-lo morto e de vê-lo sendo devorado por fora, porque por dentro já nos sentíamos um pouco mortos. (GONÇALVES,2009, p.36)

A inanição causada pelo banzo não era aceita pelos guardas, já que através disso uma “peça” poderia ser perdida, assim os que se encontravam em um quadro mais profundo de depressão eram forçados a comer, tendo sua boca invadida, logo era inserido um instrumento com formato de tesoura, forçando a abertura da mandíbula, o *speculum oris*, é sem dúvidas, mais uma das muitas agressões torpes empregadas contra os negros, durante a estadia nos tumbeiros.

O banzo levava a medidas extremas, nesse caso aos diversos *suicídios*, que era tido como uma escapatória, durante a travessia, assim toda aquela negligência tivesse um fim, “O Benevides tinha se matado, e muita gente disse que ele tinha feito o certo, que antes virar carneiro de bicho do mar, pois provavelmente seria lançado ao mar, do que carneiro de branco no estrangeiro”. (GONÇALVES,2009, p.35)

Por vezes durante a travessia ocorriam princípios de motim, na tentativa de fuga, os aprisionados tomavam o controle dos navios, libertando-se assim daquela prisão, porém na maioria das vezes essas insurreições tinham um final trágico, pois muitos marinheiros eram treinados para esse cenário, recebendo orientações de como se portar diante desse tipo de situação, assim um método de exemplificação para os insurgentes, os capitães dos navios e os marinheiros, mostravam que não seriam complacentes com aquela situação, dessa forma os marinheiros torturavam as vítimas até a morte, como uma retaliação pela balbúrdia, como mostra o relato de Jean Barbot, agente comercial francês que trabalhou em navios negreiros:

Não se deve medir esforços ao reprimir a insolência [dos negros]. Para isso, é preciso sacrificar a vida de todos os amotinados, de modo que sirvam de exemplo, mantendo os demais obedientes. A forma de punição que mais aterroriza os africanos é cortar um homem vivo ao meio com um machado e distribuir as partes do corpo aos outros. (GOMES, 2019, p.233 e 234)

Além das *torturas físicas* os cativos teriam de passar também por *torturas psicológicas*, eles eram humilhados publicamente nos leilões de compra e venda ao chegarem a nova terra,

em terras brasileiras por exemplo, os cativos precisavam passar por uma espécie de vistoria, assim como explica Gomes (2019, p.245), “O processo de venda envolvia uma série de humilhações para os escravos, que, exaustos pela travessia do oceano e assustados ao chegar a uma terra desconhecida, seriam submetidos a um minucioso exame de seus corpos, incluindo as partes íntimas.”, assim eles teriam de fazer o que seus possíveis compradores mandassem, sendo basicamente forçados a se expor diante de desconhecidos.

Ao chegar no Brasil Kehinde é levada a um leilão de compra e venda, estes espaços eram como um espetáculo a céu aberto no qual muitos usavam da sua superioridade para subalternizar e inferiorizar o negro, ali naquele espaço eles eram como objetos, sendo tocados, e apalpados sem cerimônia.

Os brancos entravam, olhavam ao redor e apontavam os pretos pelos quais se interessavam. Então, um dos empregados se aproximava dos pretos e batia em seus ombros com uma vara ou gritava de longe para que eles se aproximassem, caso já entendessem o português. Não importando se era homem, mulher ou criança, o comprador apalpava-lhes todo o corpo e os fazia erguer os braços e mostrar as plantas dos pés, como a minha avó tinha feito em Uidá. O empregado do armazém batia com um chicote em suas pernas e eles tinham que pular, para ver se reagiam rápido, e depois tinham que abrir a boca e mostrar os dentes, para então gritar o mais alto que podiam. (GONÇALVES, 2009.p.50 e 51)

Após a compra, muito do que era instaurado contra o povo negro, falo isso em questão de tortura, era desproporcional, já que na maioria das vezes o cativo era agredido só por ser considerado inferior, ou seja, estar na condição de servidão, o vínculo senhor/escravo era tida a base de violência, assim as “boas vindas” eram dadas na chegada as fazendas, “esse era o momento de “temperar” [...] o cativo, ou seja, mostrar a ele quem, de fato, mandava, quem era o dono e senhor do seu destino. Isso envolvia uma série de torturas, físicas e psicológicas, até que o escravo se “colocasse em seu lugar”, ou seja, o mesmo ocupado por animais domésticos e de trabalho” (GOMES,2019, p.250).

Assim o conjunto de torturas físicas e psicológicas colocadas, era comum, podendo até ser um cartão de visitas, de seu senhor para sua mais nova aquisição, um bom exemplo disso é o relato do padre Jesuíta Manoel Ribeiro Rocha: “Há homens tão inumanos que o primeiro procedimento que têm com os escravos e a primeira hospedagem que lhes fazem, logo que comprados [...] é mandá-los açoitar rigorosamente, sem mais causa que a vontade própria de o fazer assim [...] e serem temidos e respeitados<sup>20</sup>”.

A prática de castigar o escravo era tido como um dever a ser feito, já que na época colonial, isso era tido como uma melhoria das execuções trabalhistas e uma atenuação das ações

---

<sup>20</sup> Ibidem, p.251.

contra o grupo dominante, assim o senhor de escravos poderia ser visto como uma autoridade, digna de respeito, assim a indisciplina e desobediência do escravizado não seria aceita, acarretando punições desmedidas, levando o senhor a prática de injustiça, já que tudo era tido como desculpa para otimização dos castigos:

Constatamos como a idéia de um castigo medido e regrado aparecia no discurso dos senhores, dos padres, legisladores e até mesmo de escravos, como sendo algo indispensável à educação, à manutenção daquela mesma disciplina. Observamos ainda que, para atingir este fim mediante o uso do castigo, utilizavam-se especialmente açoites, correntes e grilhões. Podemos avançar ainda mais nesta análise do castigo enquanto instrumento de controle, submissão e correção dos escravos. (LARA, 1988, p. 83).

Assim o senhor era assegurado por lei sobre seu poder, podendo fazer o que bem quisesse, já que este tinha o aval tanto das leis quanto da igreja para praticar seus atos, “Os castigos corporais eram comuns, permitidos por lei e com a permissão da Igreja Católica e segundo um regimento escrito em 1633” (SANTOS, 2013, p.03), assim nas fazendas não dispunha de alguém que intervisse caso os castigos fossem aplicados com muita frequência, ou seja, não tinha quem protegessem os escravizados, assim tudo o que o senhor idealizasse era feito pelos encarregados da fazenda.

Chegado ao limite do desespero e cansaço físico e mental, o cativo em um ato de libertação e resistência, tirava sua vida, o suicídio poderia ser feito de diversas maneiras:

No limite de sua resistência física e moral, o escravo se matava. Além de gesto de libertação, de ponto final à sua condição de objeto, ele golpeava fundo seu senhor, fazendo com que tivesse prejuízo do investimento que fizera nele. Alguns números nos permitem avaliar a dimensão do problema. Em 1848, dos 33 suicídios ocorridos na Bahia, 27 foram de escravos, dos quais 26 africanos. As formas de auto-eliminação eram as mais variadas: asfixia, enforcamento, arma branca, arma de fogo, veneno. (PINSKY, 2010, p.89)

As extravagâncias dos senhores com seus cativos, chamou a atenção do historiador Artur Ramos, fazendo com que ele classificasse três categorias, nas quais fariam parte dos *castigos e torturas* contra os escravizados no Brasil, a classificação iniciava com os instrumentos utilizados para *capturar e restringir* os escravizados, incluindo artefatos usados para *prender e imobilizar* partes do corpo, dentre esses utensílios incluíam-se:

[...]correntes e colares de ferro, algemas, machos e peias — que prendiam apenas um dos pés ou uma das mãos —, além do tronco — um pedaço de madeira dividido em duas metades com buracos para imobilizar a cabeça, os pés e as mãos — e do vira-mundo, espécie de tronco menor, de ferro. A máscara de folha de flandres era usada para impedir o escravo de comer cana, rapadura ou engolir pepitas e pedras preciosas. O cepo era um longo e pesado tarugo de madeira que, preso por correntes ao tornozelo, o escravo tinha de levar à cabeça ao se movimentar. (GOMES, 2019, p.253).

A classificação continua com os instrumentos utilizados para *torturar* os negros, por seu “mau comportamento”, ou seja, o negro era punido por não ter se comportado de forma adequada, seja porque infringiu uma regra, seja porque não obedeceu seu senhor, assim mais uma vez seus corpos eram açoitados:

[...]havia um item especialmente assustador, o “anjinho”, instrumento de suplício de origem medieval. Consistia em dois anéis metálicos em forma de torniquete, que eram introduzidos no dedo do escravo e iam sendo gradativamente atarraxados, produzindo dores atrozes e podendo mesmo esmagar os ossos da pessoa que não confessasse rapidamente o que o torturador esperava ouvir.<sup>21</sup>

O último ponto da classificação era das *surras*, utilizavam assim diversos objetos com o intuito de machucar partes do corpo dos cativos, aqui o ferro em brasa também era utilizado nos corpos daqueles escravizados considerados fujão, “Estes, inclusive os que estavam na senzala grande da nossa fazenda, tinham a letra F ferrada no rosto, a marca dos fujões” (GONÇALVES, 2009, p.109), recebendo assim uma espécie de carimbo, para que as pessoas os identificassem:

usava-se a palmatória ou o bacalhau — um chicote de cabo curto, de ouro ou madeira, com cinco pontas de couro retorcido (já citado anteriormente). Para identificar escravos fugitivos, utilizavam-se marcas gravadas a ferro quente com a letra F, além do libambo, uma argola de ferro que era presa ao pescoço do escravo da qual saía uma haste longa, feita do mesmo material, voltada para cima, até o topo de sua cabeça, com ou sem chocalhos nas pontas. (GOMES,2019, p.253)

O *libambo* era reservado ao uso em escravos com fama de fujões, assim durante a fuga o chocalho soava, alertando em que pé o escravizado ia, ajudando na caçada e na recaptura, “o chocalho soava quando o escravo caminhava e indicava que se tratava de um escravo em fuga, suas pontas tinham ainda outra finalidade: a de se prender em galhos de árvores e arbustos, com o intuito de dificultar a fuga do escravo” (LARA, 1988, p. 74 apud SANTOS, 2013, p.07)

As fugas também eram uma forma de reistir ao sistema violento da escravidão, assim “[...]Os maus-tratos [...] obrigam-os por vezes a fugir para o mato”<sup>22</sup>, nas tentativas de fuga, os escravizados se embrenhavam na mata “De repente, vimos surgir do meio da mata, na direção do outro engenho, alguns grupos de pretos correndo de cães e de tiros, gritando palavras como liberdade, morte aos brancos e justiça”.(GONÇALVES, 2009,p.102) e isso gerava uma grande agitação por parte do senhor, pois demandava muito trabalho na procura, “Os revoltosos continuavam a surgir de dentro da mata, bem como os cães e os capatazes correndo atrás deles”.(GONÇALVES,2009, p.103), assim o trabalho de recuperação dos cativos fugidos

<sup>21</sup> GOMES, Laurentino. **Escravidão- vol.1: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Globo Livros, 2019. p.253

<sup>22</sup> Ibidem, p.342.

ficava por responsabilidade dos capitães do mato, ele era o executor da caça e captura do negro fugido, uma figura apenas compreensível dentro do sistema como um todo. [...], ele tem sido visto como o negro traidor[...]”<sup>23</sup>.

Quando recapturado o cativo era levado ao *pelourinho* para ser punido pelo seu ato, o *pelourinho* foi muito utilizado nessa época como um local que serviria para torturar o fugitivo, este era um lugar em que eram aplicados castigos desumanos, Kehinde como cativa pode observar de perto o quão desumanizador eram os castigos aplicados contra os escravizados, ela pode ver que muitas das vezes os castigos eram transformados em espetáculos a céu aberto, podendo muitas das vezes ter plateias:

Mas eram revoltantes as histórias que contavam sobre aquele lugar, sobre como os castigos dos pretos eram transformados em espetáculos assistidos por uma platéia que aplaudia os carrascos mais cruéis e pedia mais chibatadas quando achava que o preto ainda agüentava, mesmo que já tivesse cumprido a pena. Eram grandes os casarões do Pelourinho, todos com muitas janelas e sacadas, onde as famílias se reuniam para assistir aos castigos, como em um teatro. Famílias ricas, de comerciantes ou nobres portugueses, o que acabava dando na mesma coisa, porque para se ter um título de nobreza bastava poder comprar. (GONÇALVES,2009, p.216)

Outro instrumento utilizado para aprisionar o corpo do escravizado e era tido como um mecanismo de contenção, era a *gargalheira*, um tipo de coleira de ferro, com hastes, esse instrumento serviria para prender o corpo dos cativos, servindo “para atrelar os escravos uns aos outros, principalmente, quando os escravos se deslocavam dos mercados onde eram comprados para as fazendas ou quando eram deslocados para exercerem trabalhos distantes de suas senzalas e fazendas e de seus senhores”. (LARA, 1988, p. 73 e 74 apud SANTOS, 2013, p.08).

Diariamente a escravidão era marcada por violência, as agressões eram costumeiras, levando os aprisionados aquela vida, a enfrentar os desmandos dos seus senhores, “Os dias seguintes foram tensos, com o Eufrásio distribuindo pontapés, safanões e chicotadas sem motivo, por qualquer dá cá aquela palha, até que um dos pretos o enfrentou, dizendo que era homem honrado e trabalhador que não aceitava ser tratado daquele jeito”(GONÇALVES,2009,p.90), mas mesmo assim as injustiças que eram vivenciadas dia após dia, caíam na rotina.

Como já falado, muito do que era aplicado contra os escravizados era incompatível com a vida que levavam, assim “o castigo fazia parte de um ritual e era um elemento de liturgia punitiva [...]e ostentava a todos o triunfo do poder senhorial visando simbolizar, no momento

---

<sup>23</sup>PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil**. 21. ed. – São Paulo : Contexto, 2010.

de sua execução, a lembrança da natureza do crime estabelecendo relações decifráveis na certeza de anular o crime junto com o culpado” (SANTOS, 2013, p.05)

Dada a condição do negro estar muito machucado por conta das *chicotadas*, era praticado mais um método cruel, a salmoura, assim na intenção de fazer com que o corpo inflamado pelos açoites se recuperasse rapidamente, dissolviam uma grande quantidade de sal e vinagre em água e a jogavam contra as feridas, fazendo com que o escravizado se contorcesse de dor.:

Apesar dessas recomendações, há referências de viajantes e cronistas a punições absurdas, de duzentos, trezentos ou até seiscentos açoites. Essa quantidade tão elevada de chibatadas deixava as costas ou as nádegas do escravo em carne viva. Numa época em que não havia antibióticos, o risco de morte por gangrena ou infecção generalizada era grande. Por isso, banhava-se o escravo com uma mistura de sal, vinagre ou pimenta malagueta numa tentativa de evitar a infecção das feridas (GOMES, 2019, p.256).

Algumas *torturas físicas* recebiam expressões características, já que eram consideradas “comuns”, podendo assim ser identificar com facilidade, logo aqueles que estavam inseridos naquelas circunstâncias, recebiam esses castigos aparentemente como uma forma de retaliação, mas na maioria das vezes a vítima não tinha praticado nenhum tipo “insolência”, as torturas variavam de fazenda para fazenda e de senhor para senhor, assim aquela instituição clandestina, não era considerada como uma violência e sim como uma punição:

A tortura com o chicote, por exemplo, tinha “milhares de requintes”, mas havia variedades tão comuns que recebiam nomes especiais. Quando as mãos e os braços eram amarrados a “quatro postes”; se o escravo ficava amarrado a uma escada, era a “tortura da escada”; se suspenso pelos quatro membros, era a “rede de dormir” etc.[...] A tortura da argola estava especialmente reservada para as mulheres suspeitas de aborto, e nunca era retirada de seus pescoços até que parissem a criança. Explodir um escravo tinha uma expressão: “queimar um pouco de pólvora no rabo de um preto”. Obviamente, não se tratava apenas de uma perversão, mas de uma prática estabelecida. (JAMES, 2010, p.27)

Outra prática comum era a *amputação de partes do corpo* e a *queima de seus corpos*, assim sem razão aparente, os senhores praticavam com requintes de crueldade diversas formas de tortura, “se fosse pega falando daquelas coisas para ela, aí é que poderia mesmo ir para o tronco ou ficar sem a língua, como tinha acontecido com o velho Fulgêncio[...]A Antônia contou que o ex-dono dele tinha mandado cortar a sua língua porque falou o que não devia”(GONÇALVES,2009,p.64), dessa forma o cativo tinha pedaços de seus corpos arrancados, como órgãos sexuais, por exemplo, com o intuito de dizer que o corpo do negro era propriedade de seu senhor, além de fazer com que alguns escravizados fossem castrados para não praticarem atos sexuais, com as cativas que estavam sendo guardadas para o senhor:

O sinhô José Carlos então se vestiu e gritou para o Cipriano, perguntando se o castrador de porcos já tinha chegado. O Cipriano respondeu que sim, que já estava tudo preparado. Um velho que eu nunca tinha visto na ilha, que talvez fosse da capital, entrou carregando uma faca com a lâmina muito vermelha, como se tivesse acabado de ser forjada, virou o Lourenço de frente, pediu que dois homens do Cipriano o segurassem e cortou fora o membro dele. Eu olhava e via tudo como num sonho. [...] e durante muito tempo a lembrança que tive do Lourenço foi a de um grito abafado e agoniado, seguido de um chiado e o cheiro de carne queimada. (GONÇALVES, 2009, p.122)

Aqui a personagem descreve uma cena forte e impactante ao abordar um episódio violento. A castração como método de tortura e castigo, aqui Kehinde descreve a natureza da crueldade e da violência a ela imposta, ter que presenciar uma cena tão aterrorizadora e não poder fazer nada.

Para James (2010) às torturas desse tipo poderiam ser entendidas como: Passar repetidas vezes brasas acesas nas nádegas dos escravizados, assim também como sal, pimenta (malagueta) e cinzas aquecidas eram jogadas nas feridas recém-abertas. Seus corpos eram mutilados fazendo com que alguns órgãos externos como orelhas e até os genitais masculinos fossem arrancados fora, os membros das mãos e pés também eram cortados. O ato de despejar cera quente em seus membros superiores: ombros, braços e mãos eram bem comuns; queimá-los vivos; derramar caldo de cana efervescente em suas cabeças; assim também enchiam seus ânus com pólvora e os explodiam.

As práticas de tortura eram realizadas de acordo com o grau de afrontamento, ou seja, de acordo com a desobediência do cativo, assim as aplicações das torturas, variavam das mais leves as mais pesadas, de cativo para cativo, um bom exemplo do que seria uma “tortura leve”, seria a *palmatória*, método utilizado contra crianças e mulheres como exemplo.

A palmatória era um instrumento de punição e castigo muito empregado e suficientemente conhecido na tradição e cultura brasileira e eram feitas de madeira. As palmatórias tornaram-se uma prática corriqueira e um método pedagógico que consistia em dar pancadas com esse instrumento nas palmas das mãos estendidas dos escravos. "Arrebentar a mão de bolos" era provocar violentas equimoses e ferimentos no epitélio delicado das mãos. A palmatória era aplicada preferencialmente em mulheres e crianças e para punir faltas consideradas pequenas (LARA, 1988, p. 75 apud SANTOS, 2013, p.09)

Além de todos esses instrumentos de tortura física e psicológica, eram utilizados *animais como métodos de tortura*, ou seja, eram usados tanto a fauna local, quanto animais trazidos de outras regiões para torturar os escravizados, tanto no Brasil quanto no Caribe essa prática ficou bem conhecida, besuntavam algumas partes do corpo dos cativos com mel ou açúcar para “chamar a atenção” dos animais, após isso eles, fazendo com que diversos espécimes viessem a morder o aprisionado, assim através disso tinham-se surtos de doenças



infeciosas, como a malária e febre amarela por exemplo, “[...] enterravam-nos até o pescoço e lambuzavam as suas cabeças com açúcar para que as moscas as devorassem; amarravam-nos nas proximidades de ninhos de formigas ou de vespas[.]” (JAMES, 2010, p.27).

Como já apontado anteriormente os cativos não tinham domínio sobre seu corpo, assim também “Sua própria sexualidade não lhe pertence<sup>24</sup>”, logo outra prática comum na época colonial, era colocada em prática, a cultura do estupro, assim as cativas eram violentadas sexualmente por seus “donos”.

A autora relata o estupro de Kehinde, ela é agredida ao receber um tapa em seu rosto, por estar resistindo a se entregar ao seu “dono”, esse momento traumático, é um gatilho e faz a menina lembrar as violências e as mortes de sua mãe e irmão, ainda em Savalu, por ser um momento impactante para Kehinde a personagem não consegue por fora sua dor.

O sinhô José Carlos perguntou se eu achava que ia conseguir escapar e nada respondi, nem mesmo olhei para ele, porque eu achava que sim, que depois do acontecido ele não ia mais insistir. Mas, além disso, da insistência, ele conseguiu ser muito mais vingativo do que eu poderia imaginar, ao entrar no quarto e dizer que a virgindade das pretas que ele comprava pertencia a ele.[...]o sinhô José Carlos me derrubou na esteira, com um tapa no rosto, e depois pulou em cima de mim com o membro já duro e escapando pela abertura da calça, que ele nem se deu ao trabalho de tirar. [...]o sinhô levantava a minha saia e me abria as pernas com todo o peso do seu corpo, para depois se enfiar dentro da minha racha como se estivesse sangrando um carneiro. Não me lembro se doeu, pois eu estava mais preocupada com o riozinho de sangue que escorria do corte na minha boca, provocado pelo tapa, e me lembrava da minha mãe debaixo do guerreiro, em Savalu, desejando que ela, o Kokumo e seus amigos aparecessem naquele momento e nos levassem,[...] para brincar com eles, mesmo sem sermos abikus. Mas eles não apareceram, e nem mesmo consegui ter uma visão dos olhos da Taiwo sorrindo para mim. [...]eu [...]não conseguia chorar. (GONÇALVES,2009,121)

Dado os fatos até aqui apresentados, foi pertinente observar que a violência foi um agente causador de inúmeros tormentos, desde o outro lado do atlântico até a chegada dos escravizados a terras brasileiras, os métodos de torturas aplicados eram tidos como algo justo, educativo ou exemplar, e também como um quesito pré estabelecido da relação senhor/ escravo, assim a única vontade que era levada em consideração era daquele que era “superior”, deste modo o suplício dos escravizados eram determinados e identificados por instrumentos unicamente designados para este fim, o de torturar. A violência não poderia ser questionada, já que o cativo não tinha o direito de sequer perguntar: por quê?

---

<sup>24</sup> GOMES, Laurentino. **Escravidão- vol.1: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Globo Livros, 2019. P.55

### 3 TRAÇANDO IDENTIDADES

Considerando os preocupantes atos de desigualdade e violência instaurados contra os escravizados, atos esses apontados no capítulo anterior, ao qual através dessas práticas de violência pensa-se de que forma houve um enfrentamento dessa realidade. Assim neste capítulo daremos ênfase em como a identidade foi um agente que concedeu poder, potencializando assim a consciência do que é ser um indivíduo capaz de tomar decisões, traçando sua própria história.

A identidade de uma pessoa está essencialmente ligada ao empoderamento pessoal.

Identidade racial/étnica é o sentimento de pertencimento a um grupo racial ou étnico, decorrente de construção social, cultural e política. Ou seja, tem a ver com a história de vida (socialização/educação) e a consciência adquirida diante das prescrições sociais raciais ou étnicas, racistas ou não, de uma dada cultura. (OLIVEIRA, 2004, p.57)

Isso se refere à sensação de fazer parte de um grupo racial ou étnico específico. Não é algo que nasce automaticamente com uma pessoa, mas é desenvolvido ao longo do tempo.

O empoderamento pessoal é o processo pelo qual uma pessoa obtém convicção em si mesmo, se tornando uma mulher/homem consciente de suas habilidades, interesses e vontades, sendo capaz de deliberar e agir de forma independente. Assim, a identidade desempenha um

papel indispensável no processo de empoderamento. Uma pessoa tem a compreensão clara de sua identidade, incluindo seus valores e objetivos, podendo desenvolver um raciocínio mais sadio de sua autoestima e autoconfiança. Conhecendo a sua própria identidade, possibilitando assim que a pessoa se sinta mais determinada para expressar seus pontos de vista, defendendo o que lhe é de direito e tomando decisões.

O empoderamento diz respeito ao processo de estimular os indivíduos, grupos ou comunidades, sobretudo aqueles em posição de desvantagem, com o objetivo de incitar a autossuficiência, habilidades e competência. Trata-se de conceber meios que possibilitem o envolvimento do indivíduo, gerando conhecimento, aumentando sua capacidade e sua inclusão, para que assim possam desempenhar papéis de forma autogovernada e influenciar os diversos contextos que afetam suas vidas.

Não há um consenso sobre o termo empoderamento, aqui no Brasil este termo é ainda é complexo, podendo derivar de palavras que já existem, recebendo um novo sentido ou este sendo um termo recém-criado, podendo também ser um termo de origem inglesa introduzido na nossa língua, a portuguesa.

Para nós, brasileiras, porém, esse termo é ainda complicado – não existe a palavra “empoderamento” dicionarizada no português do Brasil. Trata-se, na verdade, de um neologismo, um anglicismo, mas que vem sendo usado com pouca parcimônia. O problema é que, também no Brasil, se fala em empoderamento das mulheres, se escreve sobre isso, mas não existe consenso quanto ao que venha a ser empoderamento. (SARDENBERG, 2012, p.04)

A identidade pode estar relacionada a fatores como a ligação a grupos sociais e culturais. Sentir-se unido a uma comunidade ou cultura específica fornece uma consciência de ser pertencente a determinado grupo o que também contribui para o empoderamento.

É praticamente impossível falar sobre empoderamento sem citar o feminismo, logo um é resultado do outro, assim ambos os movimentos se interligam, ou seja, enquanto o empoderamento feminino prega a ideia de consciência, motivando o fortalecimento de mulheres, fomentando assim a emancipação do sexo feminino sobre as restrições impostas por uma sociedade sexista e patriarcal, o feminismo prega a equidade de gênero e a autonomia feminina, combatendo as discriminações, desigualdades e opressões a cerca do gênero, procurando a certificação de que mulheres e homens tenham direitos iguais, por meio do empoderamento feminino, lutando contra a violência de gênero e pela igualdade de direitos assim os movimentos se complementam.

Através do movimento feminista, o empoderamento tem por finalidade desestruturar, refutar e destruir a ordem patriarcal vigente que apoia a coação de gênero, assim para o

feminismo, empoderar mulheres é uma conquista a cerca da independência feminina, logo o empoderamento é um instrumento para se atingir objetivos, que são conceder autonomia promover a igualdade, a liberdade de escolha, assim o meio e fim em si, diz respeito a produção, ou seja, em como o empoderamento é usado para alcançar um resultado, o modo pelo qual o movimento feminista luta, o fim do patriarcado.

Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da auto-determinação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. Para as feministas latinoamericanas, em especial, o objetivo maior do empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com o a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero. [...] Mas para nós o objetivo maior do “empoderamento” é destruir a ordem patriarcal vigente nas sociedades contemporâneas, além de assumirmos maior controle sobre “nossos corpos, nossas vidas”. (SARDENBERG,2009, p.02)

O empoderamento abrange uma pluralidade de atividades, às quais o indivíduo participa ativamente em ações individuais e coletivas, manifestando assim atos de resistência, buscando transformar as relações de poder. Essa motivação é importante para indivíduos e grupos, que têm pouco ou nenhum acesso a recursos, enfrentando uma maior desigualdade. Sendo o empoderamento uma abordagem, fortalecendo assim o sujeito e motivando o indivíduo a fazer a diferença:

O termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até à resistência, protesto e mobilização coletiva, que questionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Portanto, o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos (BATLIWALA,1994, p. 130 apud SARDENBERG, 2009, p.06).

Quando uma pessoa se sente empoderada por meio da compreensão de sua identidade, ela se dispõe a enfrentar as adversidades da vida com mais resistência e conhecimento. Isso pode levar a um maior encorajamento para alcançar objetivos pessoais, participando efetivamente da comunidade e buscando oportunidades de desenvolvimento e ascensão.

O processo do empoderamento feminino, na obra de Gonçalves (2009), é explorado através da escravidão negra, assim aquelas que eram cativas eram desumanizadas, estando expostas a qualquer tipo de exploração, sendo ela física ou sexual, na obra *Um defeito de cor* (2009), é observado que o empoderamento de Kehinde se inicia logo na sua infância, quando ao chegar ao Brasil ela resiste e rejeita o batismo, a troca de nome e a religião dos brancos, atos

esses impostos contra os escravizados, assim em um ato de bravura ela mantém a religião e os costumes de seu povo:

Nós não víamos a hora de desembarcar também, mas, disseram que antes tínhamos que esperar um padre que viria nos batizar, para que não pisássemos em terras do Brasil com a alma pagã. Eu não sabia o que era alma pagã, mas já tinha sido batizada em África, já tinha recebido um nome e não queria trocá-lo, como tinham feito com os homens. Em terras do Brasil, eles tanto deveriam usar os nomes novos, de brancos, como louvar os deuses dos brancos, o que eu me negava a aceitar, pois tinha ouvido os conselhos da minha avó. [...]O escaler que carregava o padre já estava se aproximando do navio, enquanto os guardas distribuía alguns panos entre nós, para que não descêssemos nuas à terra, como também fizeram com os homens na praia. Amarrei meu pano em volta do pescoço, como a minha avó fazia, e saí correndo pelo meio dos guardas. Antes que algum deles conseguisse me deter, pulei no mar (GONÇALVES,2009, p.44)

O ato de Kehinde nos mostra a bravura vinda de uma criança, criança esta que observou de perto as mazelas impostas contra os escravizados em um navio negreiro insalubre, assim aquela menina salta do barco com o objetivo de não aceitar mais um silenciamento, pois ao aceitar novos nomes, era como se a sua cultura fosse apagada, assim a pequena menina resiste.

A resistência em “[...] seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia.” (BOSI, 2002, p.118), o ato de resistir pode ser entendida de diversas formas durante a narrativa, tanto a sua oposição em relação a sua escravidão e a dos outros escravizados, o anseio por liberdade, a autonomia nas adversidades, ascensão de poder esta, que é um dos objetivos do empoderamento, que é bem dirigido na obra *Um defeito de cor* (2009), ficando claro os diversos atos de resistência, autodeterminação e coragem de Kehinde/ Luiza Gama. Em sua obra Gonçalves (2009), revela as condições de inferioridade na qual a as mulheres negras eram impostas, assim também como a não aceitação dessa condição, logo a personagem Kehinde luta na esperança de conseguir narrar sua própria história, resistindo às adversidades e levantando a bandeira da autonomia, impulsionando outros escravizados a fazerem o mesmo.

O povo negro escravizado era tido como um ser inferior aos brancos, assim muitas das vezes não era considerado um humano e sim uma espécie abastada, sendo através disso uma justificativa para a escravidão.

Essa inferioridade natural atribuída à população negra foi utilizada na história como forma de opressão. Os estudos de evolução do século XIX que aplicaram o conceito de racismo biológico marcando a relação de superioridade e inferioridade entre colonizadores e conquistados, mais precisamente na América, legitimaram as relações de dominação europeia ao atribuir aos negros uma “inferioridade natural” devido à cor e ao tamanho do cérebro (RIBEIRO, 2018, p.182)

Através disso pensa-se que durante o período colonial as mulheres eram colocadas em situações de completa servidão, assim seus corpos eram vistos como uma espécie de objeto para os diversos trabalhos braçais, trabalhos estes que não se tinha distinção entre mulheres, homens e crianças, assim o trabalho não tinha gênero, todos eram iguais perante uma sociedade escravocrata:

O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero. Nas palavras de um acadêmico, “a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa” (DAVIS, 2016, p.24)

Estar na condição de escrava sendo forçada a vivenciar as mais diversas violências, é sem dúvidas um processo de desempoderamento, para se empoderar, primeiramente o sujeito é desempoderado, a respeito do empoderamento feminino existem aspectos que são aceitos na literatura, sendo mais precisamente quatro pontos, logo:

Pessoas diferentes usam empoderamento para significar coisas diferentes. No entanto, existem quatro aspectos que parecem ser geralmente aceitos na literatura sobre o empoderamento das mulheres. Em primeiro lugar, para ser empoderado, deve-se ter sido desempoderado. É relevante falar em empoderamento das mulheres, por exemplo, porque, como o grupo, elas são desempoderadas em relação aos homens. (MOSEDALE, 2005, p.244, tradução nossa)

A história conversa com o empoderamento, pensemos na perspectiva de uma mulher negra afro-diaspórica, mulher essa que vivenciou e observou de perto o quão desvalidada é ser mulher em condição de servidão forçada, aqui Kehinde nos mostra a desigualdade de gênero, o alimento era primeiro servido aos homens, sendo as mulheres as últimas a serem servidas, ou seja, elas eram as últimas a se alimentarem, o alimento não era de boa qualidade, assim a comida só passou a ser servida todos os dias, pelo fato dos cativos estarem adoecendo pela falta de alimentação, e mesmo sendo servidos duas vezes ao dia, sempre eram os homens encarregados da distribuição, favorecendo assim seus companheiros (homens) de viagem:

Serviam comida todos os dias, às vezes até duas vezes ao dia[...]Eram escolhidos e desamarrados dez homens, que tinham permissão para sair e buscar as vasilhas. Quase sempre a escolha recaía sobre os muçurumins, talvez por serem os mais quietos, ao contrário do que demonstraram no início da viagem. Eles primeiro serviam os seus e depois os outros homens, sendo que nós, as mulheres, éramos sempre deixadas por último. (GONÇALVES, 2009, p.38)

Aqui vemos uma parcela do que é ser desempoderada, para se empoderar o indivíduo precisa reconhecer seu estado de desempoderamento, ou seja, reconhecer a situação e as restrições em que não se tem controle, neste sobre o cativo, sobre os recursos (o alimento e a água), sobre suas decisões e sobre seu corpo (aprisionado). Assim, neste caso em especial

Kehinde foi desempoderada por aqueles que estavam em uma posição de “superioridade”, logo a personagem reconhece que está impossibilitada de exercer sua força.

A respeito dos quatro pontos em que Mosedale (2005), discute sobre o empoderamento feminino, destacamos o segundo que diz:

O empoderamento não pode ser conferido por terceiros. Em vez disso, aqueles que se tornarem empoderados devem reivindicá-lo. As agências de desenvolvimento não podem, portanto, empoderar as mulheres - o máximo que podem conseguir é facilitar o empoderamento das mulheres. Podem criar condições favoráveis ao empoderamento, mas não podem fazê-lo acontecer. (MOSEDALE, 2005, p.244, tradução nossa)

A autora destaca a natureza essencial e pessoal do empoderamento, afirmando que o empoderamento não pode ser oferecido ou definido por outrem, sendo algo que deve ser reivindicado individualmente, não sendo imposto por alguém ou dado por algo externo, precisando ser alcançado e reconhecido no seu próprio interior. A autora ressalta também que as agências de desenvolvimento não empoderam diretamente as mulheres, mas sim possibilitam o método, ou seja, este poder deve emanar das próprias mulheres, assim o empoderamento é um processo individual, fomentando a identificação e o reconhecimento do poder próprio, essa é um percurso exclusivo, não podendo ser exigido por outros.

Mosedale (2005), expressa a ideia de que é preciso identificar e reconhecer seu próprio poder, assim desenvolvendo sua autoconfiança, agindo para alcançar seus objetivos pessoais, a respeito disso percebemos quanto Kehinde busca uma melhoria de vida, objetivando assim o desejo de prender, logo na primeira oportunidade de ter contato com a leitura e a escrita, ela não mede esforços para capacitar-se praticando a leitura/escrita, por meio da sinhazinha e do professor que também era negro, ela obtém ajuda e aprende da maneira que pode:

Enquanto a sinhazinha Maria Clara copiava as letras e os números que o Fatumbi desenhava no quadro-negro, eu fazia a mesma coisa com o dedo, usando o chão como caderno. Eu também repetia cada letra que ele falava em voz alta, junto com a sinhazinha, sentindo os sons delas se unirem para formar as palavras. Ele logo percebeu o meu interesse e achei que fosse ficar bravo, mas não; até quase sorriu e passou a olhar mais vezes para mim, como se eu fosse aluna da mesma importância que a sinhazinha. Comecei a aprender mais rapidamente que ela, que muitas vezes errava coisas que eu já sabia. As três horas de aula todas as tardes passaram a ser para mim as mais felizes do dia, as mais esperadas, e fiquei triste quando chegou o primeiro fim de semana, dias de folga que o professor aproveitou para ir até a capital. (GONÇALVES, 2009, p.66)

Através dessa primeira oportunidade a personagem aproveitava qualquer chance para aprender, fazendo assim amizade com o professor ela teve mais ajuda para melhor aprender as letras, mesmo que por vezes outros escravizados do convívio dela não a apoiasse, a vontade de aprender veio de dentro, ela não desistiu de aprender, “Escondida na despensa, com a porta

fechada, eu estudava nos livros que o Fatumbi tinha deixado para mim e treinava a escrita, mas já tinha usado todos os papéis”(GONÇALVES, 2009,p.74).

A personagem que pelas muitas violências sofridas e observadas, mesmo com a pouca idade acaba por perceber que precisa tomar uma providência em relação àquela realidade, assim como um estalo, ela se movimenta propriamente, ou seja, ela mobiliza esse empoderamento dentro de si, reivindicando o seu poder interno, ali durante toda a cena de violência, ela percebe que precisa subverter aquele mórbido contexto:

[...]Olhando para um deles, que tinha tombado perto de mim, o corpo caído de costas e se debatendo, meu peito foi ficando apertado com a visão do riozinho de sangue, ao mesmo tempo em que nascia uma revolta muito grande pela nossa condição. Apesar da pouca idade, acho que foi naquele momento que tomei consciência de que tinha que fazer alguma coisa, pelos meus mortos, por todos os mortos dos que estavam ali, por todos nós, que estávamos vivos como se não estivéssemos, porque as nossas vidas valiam o que o sinhô tinha pagado por elas, nada mais. [...]Os homens fuzilavam os empregados com olhares cheios de ódio, murmurando coisas que eu não conseguia ouvir, mas que, com certeza, eram promessas de vingança. (GONÇALVES, 2009, p.103)

Sarah Mosedale (2005), continua a definir o empoderamento feminino, aqui ela especifica o terceiro aspecto:

Em terceiro lugar, as definições de empoderamento geralmente incluem um senso de pessoas tomando decisões sobre assuntos que são importantes em suas vidas e sendo capazes de realizá-las. Reflexão, análise e ação estão envolvidas neste processo que pode acontecer em nível individual ou coletivo. Há alguma evidência que embora as próprias lutas das mulheres pelo empoderamento tendam a ser esforços coletivos, as intervenções de desenvolvimento orientadas para o empoderamento geralmente se concentram mais no nível individual. (MOSEDALE, 2005, p.244, tradução nossa)

A autora destaca que a definição de empoderamento abrange a capacidade dos indivíduos em deliberar ações importantes em suas vidas e seriam indivíduos capazes de realizar tais feitos. O processo de empoderamento propõe uma análise e reflexão a respeito do processo e também a ação, podendo ocorrer tanto individual quanto coletivamente. No entanto há um disparidade entre as lutas femininas pelo empoderamento, pois geralmente são lutas coletivas, assim as intervenções oriundas do empoderamento se centram na individualidade. Assim a escritora destaca que há uma necessidade de abordar tanto as dimensões individuais quanto as coletivas do empoderamento, com o objetivo de alcançar uma mudança significativa nas relações de poder.

A mudança de poder que a personagem busca estava intrinsecamente ligada à estrutura social, pois dado o contexto da época, em que a sociedade escravocrata estava dividida em duas esferas sociais, a primeira delas composta por (senhores de escravos, igreja católica, mercadores de escravos), assim esses possuíam e dispunham de mecanismos para o controle dos cativos,



sendo os únicos responsáveis pelas tomadas de decisões, efetivando o controle sobre o função, a liberdade e a vida dos escravizados, logo esses não dispunham de direitos e autonomia própria, percebe-se então que o desejo por mudança, nutre a ideia de resistência contra aqueles que detém poder, pois estes indivíduos lutam contra os cativos de diversas formas, assim aqueles que viviam na condição de servidão, não se entregaram a dura realidade sem antes lutar, fomentando assim conflitos tanto de um lado quanto do outro, conflitos esses movimentados pela violência, diante desses desafios, aqueles que lutam por liberdade, ansiaram ainda mais pela mudança, já que lutar para realizar ações que decidirão sobre sua própria vida é um indício de que os indivíduos incluídos naquele contexto, estão fartos das injustiças, assim lutam tanto individual quanto coletivamente pela equidade e por participar ativamente da sociedade como indivíduo capaz de tomar decisões.

Na manhã seguinte ao encontro com o Francisco, acordei bem cedo e fui para a Barroquinha falar com uma mulher chamada Esmeralda, que gostou de saber que eu também era jeje como ela e muitas outras mulheres que já faziam parte da confraria. Ela dizia confraria, mas também podia ser chamada de junta, cooperativa, irmandade ou sociedade. Qualquer pessoa podia se inscrever, mas estava dando preferência às mulheres, já que as outras confrarias eram formadas por muitos homens, e as mulheres tinham algumas idéias diferentes, preocupações bastante próprias, como o cuidado com o futuro dos filhos. (GONÇALVES, 2009, p.208)

Kehinde em uma tomada de decisões, consegue apoio de outros cativos, tanto dos que já estavam familiarizados com sua realidade quanto de ex-cativos que já eram foros e que faziam parte de uma irmandade, uma espécie de cooperativa que ajudava a financiar a pagar a alforria dos que ali estavam, agindo tanto em vantagem própria quanto coletiva, Kehinde pensando em uma forma de conseguir a liberdade dela e de seu filho, acaba entrando na irmandade investindo valores para alcançar uma determinada quantia de dinheiro para comprar sua alforria.

Alcançar um nível de poder ou liberdade em um determinado momento, leva o indivíduo por vezes a pensar, que este alcance é algo pronto, acabado, mas não, isso demanda muito envolvimento e luta, e é isso que Sarah Mosedale (2005), conclui no quarto ponto, ao discutir sobre o empoderamento, pontuando este movimento como um processo, já que este não é algo pronto, não é dado ao indivíduo, precisa ser construído:

Por fim, o empoderamento é um processo contínuo e não um produto. Não há meta final. Ninguém chega a um estágio de poder em algum sentido absoluto. As pessoas são empoderadas, ou desempoderadas, em relação aos outros ou, mais importante, em relação a si mesmas em um momento anterior. (MOSEDALE, 2005, p. 244, tradução nossa)

Ou seja, a autora destaca que o empoderamento não é algo finalizado, que é atingido e terminado, mas sim um processo evolutivo. Logo, não há uma meta final determinada para o empoderamento, pois é algo que se relaciona a cada indivíduo particularmente, ou seja, específico. Uma pessoa é capaz de sentir esse poder dado pelo empoderamento, em si, não significando que este o indivíduo tenha chegado a uma condição em que o empoderamento tenha chegado a seu ápice, em comparação com os outros indivíduos. Sendo assim percebemos que o empoderamento pode ser comparado, já que existe uma relação entre o empoderamento do outro, e o do eu do passado com o eu do futuro. O empoderamento como já dito é um processo ininterrupto, sendo na sua grande maioria individual, sem um fim definido.

Mosedale (2005), desenvolve uma estrutura conceitual para avaliação do empoderamento, assim a autora examina os conceitos de poder, sendo especificamente quatro pontos, e para isso Sardenberg (2009, p.04), nos ajuda a entender melhor sobre: “Há concordância também em que a questão do poder é central à noção de empoderamento, mas pensando o “poder” de formas distintas, como nos aponta Mosedale (2005, p.249), a quem tomo a liberdade de novamente parafrasear. O primeiro é a) poder sobre – como no caso de A tem poder sobre B, referindo-se à dominação, subordinação, dominação/resistência;<sup>25</sup>”.

Neste ponto a autora mostra que o poder é uma interação social, assim uma camada da sociedade tem poder sobre outra camada, aqueles que estão acima possuem o controle, podendo influenciar as ações e decisões daqueles que estão abaixo, neste caso a dominação se refere a um modo específico de poder, na qual uma pessoa ou um grupo detém poder sobre outros, estabelecendo suas vontades, a subordinação é a posição de inferioridade em relação à pessoa ou grupo que detém autoridade, assim a parte que é dominada é colocada em uma posição de aprisionamento pelos que são superiores.

Logo a dominação/resistência se dá ao fato de que apesar de existir as relações de dominação e poder, aqueles que estão em posição de submissão nem sempre concordam com sua condição. A trama de *Gonçalves (2009)*, se encaixa perfeitamente nesse tocante, já que por estarem na condição de servidão, os escravizados eram submetidos aos desmandos daqueles que estavam na condição de “senhor” e “dono”, pois estando nesta posição ele controlava os escravizados a fazer seus mandos, mesmo estando em uma condição desfavorável os cativos nem sempre concordavam com a tirania, podendo lutar e resistir de diversas formas, entre essas

---

<sup>25</sup> SARDENBERG. Cecília M.B. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. NEIM/UFBA, 2009.

formas de resistência podemos pontuar as fugas, a formação de quilombos, envenenamento, e os suicídios:

Mesmo não sendo amiga do Afrânio, pois nem mesmo cheguei a conversar com ele, senti bastante a sua morte. Ele se matou no mar, com o facão que levava para limpar os peixes antes da salga, os que nós todos comíamos às sextas-feiras e às vezes aos sábados também. Ele pegou o facão e, antes que alguém pudesse fazer qualquer coisa, foi sangue espirrando para um lado e a cabeça dele caindo para o outro. (GONÇALVES,2009, p.88)

No segundo ponto Sardemberg (2009, p.04 apud Mosedale, 2005, p.249) fala sobre o “b) poder de dentro - que se refere à auto-estima, auto-confiança;”. O poder de dentro também pode ser entendido como a capacidade de um indivíduo de enxergar sua força interior, não precisando de meios externos para isso, ter auto-estima é o mesmo que reconhecer seu poder, entendendo o quão importante é como ser humano, acreditando que é grandioso por natureza, enxergar isso é o primeiro passo para o empoderamento individual, a autoconfiança diz respeito a confiança que a pessoa tem em si, assim sua confiança se estende as suas qualidades, suas habilidades e sua convicção, assim o indivíduo é capaz de realizar diversos feitos, fazendo com que este obtenha uma boa atuação e sucesso.

Kehinde agora como escrava de ganho confia no seu potencial e coloca em prática suas habilidades, ela acredita que consegue trabalhar com aquilo que aprendeu outrora, em confia em si mesma e apoiar-se naquilo que lhe foi ensinado, externalizando as habilidades na cozinha, a personagem se reinventa ao fabricar cookies, mesmo sendo algo novo e bem menos conhecido no mercado, ela enfrenta desafios, mas não deixa de que isso a abalasse.

[...]me lembrei dos ingleses e dos cookies que eu tinha aprendido a fazer na casa deles, com a receita estrangeira que a Missis Clegg disse estar na família dela havia muitas gerações. Os cookies eram gostosos, fáceis de fazer, e eu não estaria tirando a freguesia de ninguém, já que ninguém vendia cookies pelas ruas, e nem eram muitas as pessoas que sabiam fazê-los, o que aumentava a possibilidade de ter mais fregueses. (GONÇALVES,2009, p.175)

No terceiro ponto Sardemberg (2009, p.04 apud Mosedale, 2005, p.249), parafraseia o seguinte “c) poder para - em relação à capacidade para fazer algo; trata-se do poder que alarga os horizontes do que pode ser conquistado por uma pessoa, sem necessariamente estreitar, invadir, os limites de outras pessoas (ex., aprender a ler);”. O poder para refere-se a capacidade individual de cada ser humano, em conseguir aprimorar suas habilidades, podendo assim realizar diversas atividades, a autora destaca, o ato de aprender a ler, que conseqüentemente está ligado ao fato de quem lê, também escreve, então a leitura/escrita está associada ao poder para se permitir aprender, remetendo a capacidade que este(a) tem para realizar tais feitos.

A personagem é constituída por poder, um poder que vem de dentro, poder este que foi muito bem aproveitado quando ao chegar ao Brasil ela precisa aprender o português para não ser agredida, assim também quando ela aprende a ler e a escrever, aprendizado este que muito valeu a ela no futuro, quando a mesma precisou aprender o inglês e o francês, línguas essas que a levaram para outro patamar, ajudaram ela a chegar mais longe e atravessar fronteiras, alcançar grandes objetivos.

Um dia antes da chegada do padre Notório, pedi ao Fatumbi que escrevesse para eu copiar o Pai-Nosso e a Ave-Maria, que achei muito mais fáceis de rezar depois de ler e entender. Mostrei para a Esméria e ela disse que nunca poderia imaginar que ali, naquele monte de tracinhos que não diziam nada, pelo menos para ela, estavam orações tão bonitas. Eram mesmo orações bonitas, que mais tarde também aprendi em iorubá, eve-fon e, muitos anos depois, em inglês e em francês. (GONÇALVES,2009, p.67)

No quarto e último ponto, Sardenberg (2009, 04 apud Mosedale, 2005, p.249) explicita sobre o “d) poder com - o poder solidário, que se compartilha numa ação coletiva;”. O poder com, refere-se a solidariedade mútua, podendo ser entendido como um poder compartilhado coletivamente, visando ações que mobilizem a inclusão de todos em uma mesma realidade, valorizando o esforço conjunto, assim todos detém poder, pois este é distribuído de forma igualitária entre os grupos.

Na obra em estudo, Gonçalves (2009), aborda diversas tomadas de decisões importantes, mas em especial, podemos destacar *a revolta dos malês (1835)*, uma revolta de africanos escravizados muçulmanos, chamados de “malês”, esta foi uma revolta armada que buscava a abolição da escravidão e a liberdade dos que estavam escravizados, contou com a ajuda de escravizados e libertos. A revolta foi ocasionada pela insatisfação dos escravizados com as condições em que a escravidão estava inserida, com as diversas violências sofridas etc. Aqui a personagem principal se envolve ativamente, participando da rebelião, se unindo e compartilhando da luta e do poder coletivo, trabalhando na esperança de promover mudanças futuras.

Já estava tudo certo, e a rebelião começaria às quatro horas da madrugada do dia vinte e cinco de janeiro daquele ano de um mil oitocentos e trinta e cinco. [...] Por onde passávamos, eu sentia os outros pretos nos olhando como se quisessem dizer que estávamos todos juntos, que eles sabiam que éramos um deles. O Suleimane estava muito confiante, e apontava os carregadores de cadeirinha dizendo que seria a última vez que veríamos aquela cena, que olhássemos bem à nossa volta e prestássemos atenção a todos os trabalhos e humilhações a que os pretos eram submetidos, porque os dias de escravidão estavam acabando. Durante dois ou três dias Alá guiaria nossas mãos e nossas armas, e depois que a vitória estivesse garantida, não haveria um só preto fiel trabalhando como escravo. (GONÇALVES,2009, p.358 e 359).

Em síntese, o empoderamento nutre o desejo de mudança, seja ela individual ou coletiva, podendo ser entendido também como progresso de incitar o indivíduo a se tornar poderoso. O empoderamento feminino é entendido como o ato de promover a força e a luta feminina pela igualdade de gênero. Essa luta parte do enfrentamento da difícil realidade das escravizadas e escravizados no Brasil, através disso o empoderamento nutre e dá poder àqueles que foram subjugados pela violência, fazendo assim com que em especial as escravizadas lutassem por sua autonomia e liberdade.

Até aqui foi visto que o empoderamento potencializa o poder individual, assim gerando conhecimento e influenciando as pessoas a lutarem pelos seus direitos. Foi visto também que o empoderamento e o feminismo se interligam em certo momento, abrangendo diversos métodos de resistência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através da análise da obra *Um Defeito de Cor*, da escritora Ana Maria Gonçalves, foi possível entender os complexos retratos da diáspora africana e a luta pela autonomia do corpo negro escravizado. A história apresenta um olhar amplo sobre o período da escravidão no Brasil e as diversas imposições enfrentadas pelos indivíduos negros.

Durante a pesquisa, foi constatado que a obra apresenta uma vasta representação das diferentes formas de resistência e a busca por autonomia por parte dos personagens escravizados, destacando assim a capacidade do indivíduo de enfrentar e superar desafios. Os personagens, especialmente Kehinde, são retratados como agentes ativos na construção de suas histórias, lutando contra as violências a que foram submetidos.

A narrativa de deslocamento africano é contextualizada de forma meticulosa, mostrando como a violência do sistema escravocrata teve um impacto profundo na formação da identidade negra e como a memória coletiva desse período é fundamental.

A obra revela as cicatrizes históricas, trazendo à luz as consequências psicológicas e emocionais do sistema opressivo. A representação do corpo negro, em sua diversidade e singularidade.

Ao longo deste trabalho, foram apontadas diversas formas de resistência e a busca pela identidade e emancipação presentes no corpo negro escravizado, sendo muito bem retratado na obra de Gonçalves. Assim, por meio da análise de personagens, acontecimentos e cenários, foi perceptível a maneira que a autora abordou o poder e a resiliência, a força e a busca por identidade dos indivíduos que enfrentaram o regime escravocrata.

Conclui-se, que *Um Defeito de Cor* contribui significativamente para a literatura e para os diversos estudos sobre diáspora africana, revelando assim sua importância ao traçar as diversas resistências e identidades ao longo da trama. A obra nos toca ao revelar a necessidade contínua de combater os preconceitos, promovendo a igualdade racial, evidenciando assim que a luta pela liberdade do corpo negro, não é um assunto do passado, mas sim uma questão urgente e indispensável na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ana Lucia. **Caminhos atlânticos: memória, patrimônio e representações da escravidão na rota dos escravos.** Varia História, Belo Horizonte, vol.25, nº41: p.129-148, jan/jun, 2009.
- BRUNO, Ana Luiza Pereira. **A representação da mulher negra em Machado de Assis, Leituras de Mariana e Sabina.** 2012. 115 f. Dissertação (mestrado em Literatura)- Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Araraquara, 2012.
- COSTA, Jurandir Freire. **Violência e psicanálise.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 2. Ed, 1986.
- COSTA, Rodrigo Paulinelli de Almeida. **A historiografia da abolição do tráfico negreiro no Brasil. In: Encontro regional (ANPUH-MG), 18, 2012, Mariana (MG).** Anais eletrônicos[...] Minas Gerais, 2012. P.08. Disponível em: [http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340673194\\_ARQUIVO\\_Ahistoriografiadaabolicaodotraficonegreiron4.pdf](http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340673194_ARQUIVO_Ahistoriografiadaabolicaodotraficonegreiron4.pdf). Acesso em: 07 mar.2023.
- DAVIS, Angela, **Mulheres, raça e classe.** tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FERREIRA, Ligia Fonseca. **Lições de resistência: artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro.**São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.
- FREIRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX.** 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional; 79-0374 [Recife]: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979.
- GOMES, Laurentino. **Escravidão- vol.1: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares.** Globo Livros, 2019.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor.** 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Liv Sovik (org). Belo Horizonte: Editora UFMG,2003.
- JORGE, Nedilson (org.). **História da África e relações com o Brasil.** Brasília: FUNAG, 2018.
- JAMES, C.L.R. (Cyril Lionel Robert). **Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos.** tradução: Afonso Teixeira Filho.1. ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2010.
- LARA, Sílvia Hunold. **Campos da violência : escravos e senhores na Ca-pitania do Rio de Janeiro, 1750-1808.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.
- LEITE, Maria Jorge dos santos. **Tráfico atlântico, escravidão e resistência no Brasil. Sankofa,** São Paulo, v. 10, n. 19, p. 64-82, 2017.
- LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana.** 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

LOPES, Nei; MACEDO, José Rivair. **Dicionário de história da África : Séculos VII a XVI**. 1. ed. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2017.

MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Contexto, 2013

MODENA, Maura Regina (org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul, RS: EducS, 2016.

MOORE, Samuel; BAQUAQUA, M. **Biografia de Mahommah Gardo Baquaqua**. tradução: Fabio R. de Araujo. 1ª ed. INFORMATION AGE PUB Incorporated. 2020.

MOSEDALE, S. (2005). **“Policy arena. Assessing women’s empowerment: Towards a conceptual framework.”** Journal of International Development, 17, 243-257.

MOTTA, Cristiane Madeira. **O corpo que somos na experiência de cantar tradições**. 2019. Tese (Doutorado em artes cênicas) - Programa de pós-graduação em artes cênicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

OGOT, Bethwell Allan. **História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII**. Brasília: UNESCO, 2010.

OLIVEIRA, Fátima. **Ser negro no Brasil: alcances e limites**. Estudos avançados, v. 18, p. 57-60, 2004.

PEREIRA, Júlio C. M.S. **À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond: IPHAN, 2007.

PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil**. 21. ed. – São Paulo : Contexto, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. 1. ed. São Paulo: EDITORA SCHWARCZ S.A, 2018.

SANTOS, JÁ. **Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida**. In: MACEDO, JR., org. Desvendando a história da África [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SANTOS, Vilson Pereira dos. **Técnicas de tortura: castigos e punições dos escravos na escravidão Brasil**. Enciclopédia da Biosfera, v. 9, n. 16 de 2013.

SARDENBERG, Cecília M.B. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. NEIM/UFBA, 2009.

SILVA, Alberto da Costa e. **A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700**. 2.ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SILVA, Alberto da Costa e. **Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África**. 5.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SILVA, Alberto Costa e. **Da Antiguidade ao século XIX**. 1.ed. — São Paulo: Penguin, 2012.